

de onde viemos?  
onde estamos?  
para onde vamos?

**SERES HUMANOS E SUAS HUMANIDADES**

8

**O MUNDO É UMA ESCOLA** CÉSAR APARECIDO NUNES

césar aparecido nunes

## **O MUNDO É UMA ESCOLA**

APRESENTAÇÃO DO CICLO

A CONDIÇÃO DO SER HUMANO –

CULTURA, SOCIEDADE, HISTÓRIA.

## **SERES HUMANOS E SUAS HUMANIDADES**

de onde viemos? onde estamos? para onde vamos?

## **SESC – SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO**

Administração Regional no Estado de São Paulo

PRESIDENTE DO CONSELHO REGIONAL Abram Szajman

DIRETOR DO DEPARTAMENTO REGIONAL Danilo Santos de Miranda

### SUPERINTENDENTES

TÉCNICO-SOCIAL Rosana Paulo Cunha COMUNICAÇÃO SOCIAL  
Aurea Leszczynski Vieira Gonçalves ADMINISTRAÇÃO Jackson  
Andrade de Matos ASSESSORIA TÉCNICA E DE PLANEJAMENTO  
Marta Raquel Colabone

### GERENTES

ARTES GRÁFICAS Rogerio Ianelli ESTUDOS E DESENVOLVIMENTO  
Joao Paulo Guadanucci CENTRO DE PESQUISA E FORMAÇÃO  
Andréa de Araújo Nogueira

### EQUIPE SESC

Maurício Trindade da Silva, Rafael Peixoto, Rosana Elisa Catelli e  
Sabrina da Paixão Brésio

## **DE ONDE VIEMOS? ONDE ESTAMOS? PARA ONDE VAMOS? OS SERES HUMANOS E AS SUAS HUMANIDADES**

IDEALIZAÇÃO E COORDENAÇÃO GERAL Fernando Rios e  
Terezinha Azerêdo Rios

REVISÃO Tomas Rosa Bueno

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO Filipe Rios

PALESTRANTES CONVIDADOS César Aparecido Nunes, Frei Beto,  
João Paulo Pimenta, Ladislau Dowbor, Maria Elisa de Paula Eduardo  
Garavello, Raquel Rolnik, Rita Von Hunty, Sônia Guajajara, Tales  
Ab'Sáber e Tatiana Roque.

---

### **Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Nunes, César Aparecido

De onde viemos? onde estamos? para onde vamos?  
[livro eletrônico] : seres humanos e suas humanidades 8 : o  
mundo é uma escola / César Aparecido Nunes ; idealização e  
coordenação geral Fernando Rios, Terezinha Azerêdo Rios. --  
São Paulo : Centro de Pesquisa e Formação do Sesc São Paulo :  
Oficina de Pergunta Consultoria e Assessoria, 2023.  
PDF.

Bibliografia.

ISBN 978-65-87592-27-5

1. Ciências sociais 2. Cultura 3. Humanidade - Filosofia  
4. Humanidade - História 5. Sociedade I. Rios, Fernando. II.  
Rios, Terezinha Azerêdo. III. Título.

23-180564

CDD-301

---

### **Índices para catálogo sistemático:**

1. Humanidade : Antropologia 301  
Tábata Alves da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9253

# Humanidade no plural

Refletir sobre o humano, levando em conta a pluralidade dessa condição, reaviva indagações que nos acompanham desde os tempos mais antigos. Como viver conjuntamente, em um mundo caracterizado pela multiplicidade de experiências e distribuição desigual de recursos? É possível enfrentar desigualdades, preservando as diferenças? De que forma encontrar o equilíbrio entre os seres, e entre estes e o ambiente?

Examinar as variadas formas que pessoas e grupos encontraram para morar e comer, se comunicar e rezar, trabalhar e fruir o tempo de lazer, tudo isso estimula o contato com a alteridade, convidando a um olhar sobre si - e pode, quem sabe, abrir portas à reinvenção.

Mobilizado por perguntas-chave, o ciclo “De onde viemos? Onde estamos? Para onde vamos? Seres humanos e suas humanidades” instiga o debate e a reflexão sobre temas que atravessam a experiência humana, e que seguem se atualizando a partir dos contextos e da produção de sentido que elaboramos no mundo, em nossas relações e na diversidade.

Realizado pelo Sesc São Paulo, por meio do seu Centro de Pesquisa e Formação (CPF), a

partir da proposição dos educadores Fernando Rios e Terezinha Azerêdo Rios, o ciclo contou com dez encontros online, de agosto a outubro de 2022, e reuniu pesquisadores e pesquisadoras com diferentes formações e atuações. O objetivo foi destacar diversos modos de pensar e problematizar as várias áreas que se interseccionam na construção do ser social, político, econômico e cultural, sobretudo após a drástica mudança de conjuntura que enfrentamos a partir de 2020, frente a uma crise sanitária em nível mundial.

A presente publicação reúne a transcrição das palestras e foi elaborada com o intuito de garantir o acesso e a circulação das ideias e provocações desenvolvidas em cada encontro.

Uma boa leitura.

**SESC São Paulo**

# Apresentação

**Respostas que nos ajudem a compreender e construir diariamente nossas humanidades.**

Esta série de encontros “DE ONDE VIEMOS? ONDE ESTAMOS? PARA ONDE VAMOS? SERES HUMANOS E SUAS HUMANIDADES” foi organizada pela Oficina de Pergunta Consultoria e Assessoria Ltda e pelo Centro de Pesquisa e Formação - CPF do Sesc São Paulo. Participaram da elaboração do projeto, pela Oficina de Pergunta, Terezinha Azerêdo Rios e Fernando Rios; e, pelo Centro de Pesquisa e Formação, Andréa de Araújo Nogueira e Sabrina da Paixão Brésio.

Nosso agradecimento a todos os palestrantes e participantes dos encontros.

Com este projeto, pretendemos destacar alguns elementos no percurso dos seres humanos e na criação de suas múltiplas humanidades e destacar algumas das características que elas foram adquirindo, a partir dos encontros e desencontros das diferentes culturas nos diversos espaços de construção da vida social.

Acreditamos que o conhecimento proporciona os melhores instrumentos para investigar e

interpretar a realidade e propor mudanças significativas que aperfeiçoem a convivência, tendo como horizonte o bem comum.

Assim, a discussão sobre cada um destes temas procurará trazer respostas que nos ajudarão a entender melhor o ser humano e suas humanidades. E a pavimentar melhor nossos caminhos.

Queremos refletir sobre os desafios que temos enfrentado, e que na certa enfrentaremos, com as mudanças que acontecem a cada dia mais rapidamente, para encontrar algumas respostas que nos auxiliem na compreensão e na diuturna tarefa de construção de nossas sociedades, de nossas culturas, enfim, de nossas humanidades.

**Terezinha Azerêdo Rios**

## **ESTRUTURA DO CICLO**

DE ONDE VIEMOS?

ONDE ESTAMOS?

PARA ONDE VAMOS?

### **SERES HUMANOS E SUAS HUMANIDADES**

**Ser humano, natureza e a transformação do planeta.  
Que caminhos nós temos trilhado para chegar a tantas  
humanidades?**

PLANEJAMENTO, COORDENAÇÃO, CURADORIA

Fernando Rios

Terezinha Azerêdo Rios

MEDIAÇÃO, PALESTRA

Terezinha Azerêdo Rios

O fato de me perceber no mundo, com o mundo e com os outros me põe numa posição em face do mundo que não é de quem nada tem a ver com ele. Afinal, minha presença no mundo não é a de quem a ele se adapta, mas a de quem nele se insere. É a posição de quem luta para não ser apenas objeto, mas sujeito também da história.

**PAULO FREIRE, *PEDAGOGIA DA AUTONOMIA***

O pós-coronavírus é tão preocupante quanto a própria crise. Poderia tanto ser apocalíptico quanto portador de esperança. Muitos comungam a certeza de que o mundo de amanhã não será o mesmo de ontem. Mas como será? A crise sanitária, econômica, política e social conduzirá ao desmembramento de nossa sociedade? Saberemos extrair lições dessa pandemia que revelou a comunhão de destinos para todos os humanos, em ligação com o destino biotecnológico do planeta? E eis que entramos na era das incertezas.

O futuro imprevisível está em gestação hoje. Tomara que seja para a regeneração da política, para a proteção do planeta e para a humanização da sociedade: está na hora de mudar de via.

**EDGAR MORIN, *É HORA DE MUDARMOS DE VIA – AS LIÇÕES DO CORONAVIRUS***

## **INTRODUÇÃO**

O progresso não consiste necessariamente em ir sempre adiante a qualquer custo.

**UMBERTO ECO, PAPE, SATAN, ALEPPE – CRÔNICAS DE UMA SOCIEDADE LÍQUIDA**

I

Raramente paramos para responder a algumas perguntas que atravessam séculos. Costumamos aceitar respostas prontas, para não aumentarmos nossas muitas preocupações. Grande parte das pessoas vive sem muitos questionamentos. Mas compreender o mundo e suas transformações pode ajudar na criação de uma vida melhor e de uma sociedade mais justa e solidária.

II

O que caracteriza fundamentalmente a realidade é o movimento. A transformação constante se manifesta em todos os espaços, sobretudo na vida e nas relações humanas. Portanto, estamos sempre mudando. Por que, então, destacamos o apelo de Morin? O que existirá nesta hora que indica a necessidade de uma mudança de caráter mais radical? Julgamos que há alguns aspectos que merecem atenção especial neste momento das histórias das humanidades. No lugar de um universo – ou de um pluriverso, como poderíamos dizer – passamos a fazer referência a uma metafísica do metaverso, instância de criação de subjetividades virtuais ainda não exploradas a não ser na ficção. Em quantos eus, reais ou virtuais, cada um de nós se multiplicará?

## **ENCONTRO I MAS EXISTE O HOMEM?**

APRESENTAÇÃO DO CICLO  
A CONDIÇÃO DO SER HUMANO – CULTURA, SOCIEDADE,  
HISTÓRIA.

CONVIDADO **JOÃO PAULO PIMENTA**

Mais do que falar numa natureza/essência humana, talvez valesse mencionar uma condição humana, uma vez que é próprio da humanidade ir se construindo, a partir da intervenção na natureza e da relação com os outros.

## **ENCONTRO 2 GANHARÁS O TEU PÃO COM O SUOR.**

TRABALHO, LAZER, ÓCIO. DA PUNIÇÃO BÍBLICA AO HOME  
OFFICE. ESCRAVIZAÇÃO ATRAVÉS DOS TEMPOS. CAPITAL E  
TRABALHO. VIVER PARA TRABALHAR OU TRABALHAR PARA  
VIVER

CONVIDADO **LADISLAU DOWBOR**

Trabalho é um conjunto de atividades, produtivas ou criativas, que o homem exerce para atingir determinado fim. A humanidade, bem ou mal, assalariada ou escravizada, sempre trabalhou. Está aumentando o número de desempregados? Aumentou a exploração do trabalhador? A inteligência artificial está substituindo a força de trabalho humana? O que é “Uberização”? Capital e trabalho continuam em conflito?

### **ENCONTRO 3 QUEM NÃO SE COMUNICA SE TRUMBICA**

COMUNICAÇÃO: LINGUAGENS, LÍNGUAS, CONSCIENTE, INCONSCIENTE.

DA CAVERNA AO METAVERSO, O MUNDO CONECTADO. ARTE: DOMINAR O REAL, MITIFICAR, REPRODUZIR, EXPRESSAR EMOÇÕES

CONVIDADA **RITA VON HUNTY**

O ser humano é o animal mais comunicativo que existe. Simplesmente porque inventou vários jeitos, várias maneiras de expressar aquilo que experimenta, sente, pensa. Em cada ação há uma comunicação. O ser humano jamais se comunicou tanto! Com o corpo todo. Mas os seres humanos se entendem?

### **ENCONTRO 4 ANDAR COM FÉ EU VOU**

ESPIRITUALIDADE, CRENÇAS, RELIGIOSIDADE, TRANSCENDÊNCIA. RAZÃO E EMOÇÃO NA CONTEMPORANEIDADE.

CONVIDADO **FREI BETTO**

O ser humano sempre manifesta o desejo de ser mais – essa é a sua dimensão de transcendência. Isso tem levado o ser humano a criar múltiplas interpretações sobre a vida e a morte, o natural e o sobrenatural. Cria mitos, seitas, religiões. Além das três mais difundidas religiões, há um sem-número de outras. Quantas razões precisamos para “enfrentar” a vida? Quantos significados? Por que precisamos superar a morte?

### **ENCONTRO 5 UMA CIDADE SEM PORTAS, DE CASAS SEM ARMADILHA.**

CASAS E CIDADES, URBANO E RURAL. MEGALÓPOLES, FAVELAS, FLORESTAS E DESERTOS. ONDE MORA O SER HUMANO? A NECESSIDADE DE UM URBANISMO SUSTENTÁVEL

CONVIDADA **RAQUEL ROLNIK**

As primeiras cidades surgiram e se desenvolveram-se na Mesopotâmia, em torno do Rio Eufrates, cerca de 3500 a.C. A partir daí, a humanidade registrou, através dos tempos, um movimento do campo para a cidade. Surgem as megalópoles. Mas o inchaço das cidades não trouxe boa vida para a população. Que cidades podemos esperar num mundo de 8 bilhões de habitantes?

### **ENCONTRO 6 É IMPOSSÍVEL SER HUMANO SOZINHO**

AGRUPAMENTOS, COMUNIDADES, SOCIEDADE, LAÇOS, CONFLITOS, VIDA POLÍTICA. AGRESSIVIDADE, VIOLÊNCIA, CRUELDADE.

CONVIDADO **TALES AB'SÁBER**

Viver é conviver. Como tem sido a constituição de comunidades em várias partes do mundo? O que trouxemos dos hominídeos? E dos povos originários? E as diferentes famílias da atualidade? Mesmo com conflitos, guerras, adversidades, consciente ou inconscientemente, os seres humanos e as sociedades têm buscado uma convivência pacífica. Conseguiremos?



## **ENCONTRO 7 COMER PARA VIVER OU VIVER PARA COMER?**

AGRICULTURA E PECUÁRIA. FOME E ABUNDÂNCIA. ALIMENTAÇÃO, GASTRONOMIA. O CORPO E SEUS MODELOS. HÁ COMIDA PARA AS HUMANIDADES?

CONVIDADA **MARIA ELISA DE PAULA EDUARDO GARAVELLO**

Foi com a domesticação de vegetais e animais, cerca de 10.000 anos AC, a partir do crescente fértil, uma região localizada entre os rios Tigre, Eufrates, Jordão e Nilo, que a humanidade ampliou sua capacidade de sobreviver. A população mundial deverá ter quase 10 bilhões de pessoas em 2050. A produção de alimentos terá que aumentar 70%, segundo a Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO). Conseguiremos?

## **ENCONTRO 8 O MUNDO É UMA ESCOLA**

EDUCAÇÃO: PRESERVAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO DA CULTURA. O QUE OS POVOS ORIGINÁRIOS NOS ENSINAM? A PÓS-PANDEMIA. AULAS PRESENCIAIS E À DISTÂNCIA. A INTERNET E O PROFESSOR GOOGLE. AVALIAÇÃO DO CICLO.

CONVIDADO **CÉSAR APARECIDO NUNES**

A educação é um processo de construção contínua da humanidade, de socialização da cultura, de criação, recriação e partilha de conhecimentos e valores. A velocidade com que essas mudanças acontecem é reflexo dos avanços tecnológicos que, nos últimos tempos, vêm gerando uma revolução em todos os setores. Como será a escola acoplada à tecnologia digital? Que educação vem por aí?

## **ENCONTRO 9 PROGRESSO A QUALQUER PREÇO?**

TECNOLOGIA. OS OSSOS E A PEDRA POLIDA. O FOGO E A RODA. OS METAIS, OS TRANSPORTES, OS TIPOS MÓVEIS. A COMUNICAÇÃO DE MASSA. A COMUNICAÇÃO DIGITAL. O METAVERSO.

CONVIDADA **TATIANA ROQUE**

Desde sempre, a tecnologia faz parte da humanidade. Quais tecnologias contribuíram para mudá-la significativamente? A cada dia, uma inovação tecnológica é introduzida no contexto social. Em franco progresso estão a Inteligência Artificial, o Metaverso, a Biologia Genética, a Robótica. seres humanos concorrerão com espécimes criadas artificialmente.

## **ENCONTRO 10 O PLANETA ESTÁ ENFERMO**

MEIO AMBIENTE NO BRASIL E NO MUNDO; CAPITALISMO, CONSUMO E CONSUMISMO; DESMATAMENTOS, RESÍDUOS, POLUIÇÃO; MODA E MODISMOS. É POSSÍVEL ENFRENTAR A DOENÇA PLANETÁRIA?

CONVIDADA **SÔNIA GUAJAJARA**

Nós, seres humanos, somos consumidores desde que iniciamos nosso périplo pela Terra. Originalmente, havia tempo para a caça e pesca, para a família, para festas e rituais. Com a transformação das sociedades e com o advento do capitalismo, um novo comportamento se consolidou na sociedade: o consumismo. Esse consumo desenfreado está comprometendo a sobrevivência da humanidade.

sabrina da paixão brésio

## Portal do Centro de Pesquisa e Formação do Sesc SP: <https://centrodepesquisaeformacao.sescsp.org.br>

Olá a todas e todos, sejam bem-vindas e bem-vindos ao ciclo *de onde viemos? onde estamos? para onde vamos?* promovido pelo Centro de Pesquisa e Formação do SESC São Paulo. Antes de dar início à conversa de hoje, algumas informações. O encontro é ao vivo e síncrono, a gravação não será disponibilizada. Essa gravação será transcrita e posteriormente publicada e poderá ser consultada gratuitamente. As perguntas podem ser feitas pelo chat e serão repassadas à mediadora.

A declaração de participação pode ser solicitada por e-mail, em [declaracao.cpf@sescsp.org.br](mailto:declaracao.cpf@sescsp.org.br) com seu nome completo e o nome da atividade.

Agora tenho o prazer em apresentar a mediadora dos encontros, Terezinha Azerêdo Rios: graduada em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais, Mestre em Filosofia da Educação pela PUC de São Paulo, Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo. É pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Formação de Educadores - GEPEFE, da Faculdade de Educação da USP. Passo a palavra à professora para apresentação do nosso ilustre convidado de hoje. Desejo a todas e todas um ótimo encontro.

terezinha azerêdo rios

# Os seres humanos são os artesãos do oitavo dia

Obrigada, Sabrina. Muito bom dia a todas as pessoas que estão conosco nesta manhã. Para seguirmos adiante a nossa conversa, que se iniciou no mês passado, com a proposta de realizarmos encontros para refletirmos a propósito da construção das nossas humanidades... Atenção, no plural. De onde viemos, onde estamos, para onde vamos, quem somos? Aqueles que nos acompanharam desde o início me ouviram insistir na versão mineira das perguntas: *doncovim? oncotô? proncovô? quemcossô?*

Essas são as perguntas fundamentais que têm sido feitas pelos seres humanos na sua história e para as quais já se apresentaram inúmeras respostas, mas todas elas têm sido provisórias, todas elas não têm satisfeito a gente do jeito como gostaríamos e por isso mesmo é que voltamos a fazê-las.

Usamos como pretexto para realizar esta conversa, esta prosa mesmo, no sentido mineiro, mais uma vez, na palestra. Palestrar em Minas Gerais significa conversar. Não temos palestra se não temos uma palavra que vai, uma palavra que vem, ideias que são partilhadas, não trocadas. Porque há perdas nas trocas. Na partilha, a gente tem a possibi-

lidade de seguir adiante, enriquecidos pelas ideias que nos trazem aqueles e aquelas que entram na nossa roda para palestrar.

As nossas perguntas eram:

- Como é que a gente tem se construído?
- Como temos construído as nossas humanidades no decorrer da história e nos múltiplos espaços das sociedades?

E tomamos como primeira referência o poema de Carlos Drummond de Andrade, *Especulações em torno da palavra homem*<sup>1</sup>.

Eu brinco toda vez dizendo que, no último momento, todo mundo vai falar junto comigo o poema de tanto que venho repetindo. Mas quero mesmo, como um mote de início, tomar alguns versos do Drummond que nos ajudam a compreender um pouco e justificar a nossa conversa. Drummond começa perguntando:

*Mas que coisa é homem, que há sob o nome:  
uma geografia?*

*Um ser metafísico? Uma fábula sem signo que*

## **1 ESPECULAÇÕES EM TORNO DA PALAVRA HOMEM**

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

<https://wp.ufpel.edu.br/aulasmm/2017/11/09/especulacoes-em-torno-da-palavra-homem-carlos-drummond-de-andrade/>

*a desmonte?*

Vai seguindo perguntando coisas a propósito do homem e, no final, ele indaga:

*Para que serve o homem? Para estrumar flores, para tecer contos?*

*Para servir o homem? Para criar Deus? Sabe Deus do homem?*

*E sabe o demônio? Como quer o homem ser destino, fonte?*

E termina:

*Que milagre é o homem? Que sonho, que sombra?*

*Mas existe o homem?*

Essa era a pergunta que lançávamos e cada um que aqui veio responder:

- Claro, existe, mas aí é que a coisa se complica. Como existe o homem? De que jeito?

E os nossos convidados, de forma brilhante, foram entrelaçando as suas ideias para pensar nessa construção da humanidade. Ali, junto com Drummond, a gente buscava a contribuição do antropólogo Carlos Rodrigues Brandão (1940) em um livro importante que já mencionamos aqui, que se chama *Nós, os humanos: do mundo à vida, da vida à cultura*, da Cortez Editora. Ali, Brandão diz algo muito bonito que sempre volto a repetir, que

“os seres humanos são os artesãos do oitavo dia”.

Sabe, CÉSAR, é como se Deus no sétimo dia resolvesse descansar e nos desse a missão de seguir adiante. E cá estamos nós construindo, nos construindo, construindo o mundo, as humanidades. E que construção é essa? Será que ela tem um caráter positivo? Como ela tem contribuído para aquilo que é o horizonte da vida humana, que é o bem comum, a felicidade?

Foram esses os caminhos que a gente foi seguindo. Perguntando como é que inventamos morar, como inventamos estar juntos, como inventamos cuidar da nossa vida material. E tínhamos vindo até agora pensando em explorar o papel da ciência na criação dessa humanidade e a perspectiva do meio ambiente. Não tivemos a possibilidade de ter aqui Tatiana Roque, que pensaria sobre o progresso científico, nem Sônia Guajajara, que pensaria sobre o meio ambiente. O encontro com elas foi transferido para outubro, como a gente já avisou.

Hoje temos a alegria de ter com a gente o filósofo, antropólogo e professor César Aparecido Nunes. César amigo, companheiro, parceiro de caminhada, que vai nos ajudar a pensar sobre aquilo que a gente chama mesmo de processo de construção da humanidade, porque o que é a educação, senão um processo de

construção da humanidade. E o César vai nos ajudar a ir adiante no caminho, nessa reflexão que quer ser crítica, sair de um aspecto apenas do senso comum, do superficial, e passar para uma perspectiva mais abrangente.

César é licenciado em Filosofia, História e Pedagogia. É professor titular, doutor e livre docente da Faculdade de Educação da Universidade de Campinas, a UNICAMP, na área de Filosofia e Educação, e atua nas linhas de pesquisa política, ética e educação, pesquisa sobre as epistemologias que orientam a educação, filosofia e os direitos humanos.

Ele é também professor colaborador no programa de pós-graduação em Direitos Humanos da Universidade Federal de Tocantins, e no instituto IGC, Ius Gentium Conimbrigae, da Universidade de Coimbra, em Portugal. É membro fundador, presidente do conselho científico e diretor do Instituto Nacional de Pesquisa e Promoção dos Direitos Humanos (INPPDH).

E a gente cruza os caminhos, além da universidade, na Rede Brasileira por Instituições Educativas Socialmente Justas e Aldeias, Campos e Cidades que Educam, a REDHUMANI. O César vai contar para a gente um pouco disso daí. Agradecemos você, César, por ter o privilégio de tê-lo aqui e lhe passamos a palavra para que você possa ajudar a gente nesse caminho de reflexão sobre essa escola que é o mundo ou essa criação que é a educa-

ção. Muitíssimo obrigada. César tem 50 minutos, uma hora, e depois a gente já pode ir caminhando com as nossas observações e perguntas para ele. Vamos lá.

8

CÉSAR APARECIDO NUNES



Eu queria tanto que a Pedagogia do Brasil chegasse a Jan Amos Comenius, em 1629, e não achar que as pessoas são a priori determinadas ou por Deus, ou pela natureza, ou pelo sexo, ou pela etnia. A grandeza da libertação humana é que todo mundo é capaz de aprender todas as coisas, porque o saber não está na alma, no sexo, na identidade étnica, na subjetividade, o saber está na relação com seus pares, no processo pedagógico, no processo institucional, educacional e escolar.

césar aparecido nunes

# A democracia ateniense inventa a escola

Eu agradeço muito à Terezinha pelo gentil convite, pela apresentação que fez agora. Quero agradecer ao Sesc pela habilidosa e propositiva iniciativa de trazer a Terezinha e o Fernando Rios, para que a gente consiga fazer esse percurso reflexivo que estamos fazendo aqui em cima de uma provocação mineira, bem brasileira, e altamente filossófica, sobre as grandes questões que mexem conosco e nos impulsionam a pensar o sentido de nossa existência. Eu penso que educação é uma palavra que nos interpela a todo momento. Há uma compreensão, muitas vezes, muito senso comum, do processo educacional. O meu tema é a Educação, e esse tema é que, de certa maneira, me inspirou a preparar esta reflexão com vocês.

Quando a gente olha a Antiguidade, o tempo da Antiguidade, a gente se depara com civilizações maravilhosas. A gente olha, por exemplo, o Egito. O Egito tem grandes construções arquitetônicas das quais conhecemos muito mais as pirâmides. O Egito tem uma teologia, uma divinização de seres antropomórficos. O Egito tem técnicas de mumificação que são, até hoje, admiráveis. Mas o Egito não tem escola, não há nenhuma escola no Egito. Não havia educação formal no Egito.

Quem dominava tecnicamente o poder da escrita, e particularmente o registro, eram os escribas, uma espécie de técnicos e sacerdotes que moravam no palácio faraônico para acessar e qualificar a educação do faraó.

Mario Manacorda (1914-2013), um dos grandes historiadores da Educação, diz que o faraó era presumivelmente analfabeto, mas ele era formado para fazer a retórica, porque ler e escrever era atividade dos escribas.

Quando a gente olha a Babilônia, uma civilização maravilhosa, sabemos até que há jardins suspensos da Babilônia, mas a Babilônia também não tinha escola. A escola, a educação similar à escolar, era uma habilidade reservada a um *corpus* de sacerdotes.

A China idem. As construções chinesas são maravilhosas. Eu, até hoje, me admiro dos palácios chineses, nos quais a pontinha do telhado parece a pontinha de um sapato, mas na Antiguidade chinesa não há escolas institucionalizadas.

Vamos olhar a Índia: um conjunto de sacerdotes que agiam corporativamente na classe social considerada pura, os brâmanes, são eles



que dominavam o modelo de escrita védica que até hoje nos inspira.

Constatamos assim que a educação escolar é uma construção muito recente. Quem inventou a escola? Quem criou essa instituição social? E eu respondo de boca cheia: os gregos, os atenienses, particularmente, a partir da exposição de trabalhos de Péricles (495-429 a.C.), um célebre e influente político grego, no século quinto antes de Cristo, quebrando o poder da monarquia, destituindo uma vez por todas o poder dos monarcas, das dinastias que se sucediam no poder em Atenas, inclusive o rei Egeu e Teseu e toda a mitologia que justificava a dominação daquele processo.

Péricles vai ser também um reformador social que cria as condições para o surgimento da democracia ateniense. *Demos kraton*, poder dos representantes de quarteirão. Ele vai abolir de vez a hereditariedade, a filiação divina e vai colocar um paradigma: os homens têm que governar a partir da sua identidade e a partir da nova forma de compreender as relações sociais. E, aí, podemos afirmar e reconhecer que a democracia ateniense, Te-rezinha, é a mãe da escola antiga. A escola grega nasceu com a finalidade de qualificar, de preparar os filhos da aristocracia para o novo mundo que a polis instaurava, na qual era exigido aprender a falar, aprender a ler, aprender a escrever. Foram os atenienses que inventaram a *scholē te alfabetique*,

a escola do alfabeto. Até porque, a palavra alfabeto é um neologismo simples das primeiras letras de todo o abecedário grego: alfa, beta, iota, capa, lambda, ksi, rô, psi etc.

Aprender o alfabeto era equivalente, para nós, no senso comum, aprender o bê-á-bá, aprender as coisas simples. A aristocracia ateniense vai exigir que os seus filhos aprendam a ler, aprendam a escrever e aprendam a falar. A escola antiga é filha da democracia. A democracia ateniense é que inventa a escola. É certo que há outras escolas em Tebas, Esparta, por exemplo, que é uma escola estritamente militar. Mas a escola ateniense é a primeira versão de uma escola com finalidade social de preparar as pessoas para o convívio racional na nova ordem, a *polis*.

Jean-Pierre Vernant (1914-2007), historiador e antropólogo, especialista em Grécia Antiga e mitologia grega, trabalha bem isso com beleza, ao abordar as origens do pensamento grego. A razão política é que cria a razão pedagógica, a razão escolar. É a racionalidade da vida social que exige um novo equipamento, o equipamento escolar. Os gregos vão inventar a escola com as marcas da aristocracia e vão dotá-la de tipologias e de dispositivos com a finalidade de reproduzir as condições de vida daquele trabalho político e social.

A escola tem, portanto, 2.500 anos, com várias falhas. Não é um contínuo. Ela é uma invenção grega ateniense, de identidade social aristocrática e, de certa maneira, eu estou aqui diante da Terezinha, que é uma musa da Filosofia. A democracia e a escola necessitam de outra ideologia, de outra explicação sobre os fundamentos da vida humana.

**“O ser humano é um ser que aprende.”  
Aprender é a mais radical definição antropológica.**

É a *polis* que vai inventar a Filosofia. A filosofia é a teoria política, a teoria pedagógica, a antropologia da nova ordem mundial inaugurada pela democracia. A filosofia justifica os negócios de poder, os negócios de viver e de conviver em Atenas. A filosofia nada mais é do que a consciência da vida política ateniense. É por isso que antes, sabe Anaximandro<sup>1</sup>, os filósofos, antes de Atenas, têm uma pergunta:

- O que é o mundo? Qual é o primeiro produto, o primeiro arquétipo que criou o mundo? A água, a terra, o fogo?

Mas a filosofia alcança sua maturidade quando chega em Atenas e, premida pelas condições sociais objetivas, ela pergunta:

---

<sup>1</sup> Anaximandro, neste ensaio, é o estudante e pesquisador que acompanha a exposição do professor Cesar Nunes.

- Quem é o homem para que dele nos ocupemos?
- Quem é o homem para que ele aja moralmente? Sócrates.
- Quem é o homem para que se possa educá-lo? Os sofistas.
- Quem é o homem para que possamos compreender a sua plenitude? Platão.
- Quem é o homem para educá-lo para viver politicamente? Aristóteles.

A pergunta que a Terezinha e o Sesc revisaram neste curso é a pergunta que inaugura o Ocidente, a democracia ateniense, a pedagogia e a filosofia. A escola, portanto, tem 2.500 anos, com muitas lacunas, no processo histórico de sua constituição.

Agora vejam, uma dupla de pesquisadores ingleses, lutando para identificar o primeiro esqueleto humano em África, deparam-se com um achado. Eles encontraram o esqueleto de uma mulher, talvez a primeira antropeide, de 1,55 metro<sup>2</sup>. Eles escutavam uma música *Lucy in the sky with diamonds*, que era libelo a favor do LSD, na boca dos Beatles. E aí eles dão o nome para aquele esqueleto encontrado de Lucy, por causa da música. A Lucy, aqui já abrasileirando, é a primeira antropeide cientificamente reconhecida plena, é uma mulher.

Um dia, na pós-graduação, eu pedi para os meus alunos escreverem uma carta para Lucy,

---

<sup>2</sup> Lucy é um fóssil de *Australopithecus afarensis* de 1,5 milhão de anos, descoberto em 1974 pelo antropólogo e professor Donald Johanson e pelo estudante Tom Gray, em Hadar, no deserto de Afar, na Etiópia.

a primeira antropeide, dizendo o que aconteceu com a condição humana.

Me espanta muito quando aparecem esses desenhos da evolução humana que vão do primata até o ser humano, propriamente dito. Não aparece uma mulher, só tem homem, como se fosse a evolução unigenérica, um gênero só, quando a primeira antropeide reconhecida pela ciência, tem o nome de mulher, é Lucy.

Agora vejam: qual é a datação pelo carbono 14 do esqueleto da Lucy? 1,5 milhão de anos. A primeira datação foi de 1,1 milhão; depois, 1,2 milhão; agora chegou a 1,5 milhão. Ou seja, meus queridos e queridas, a 1,5 milhão. Se a gente ficar só nessa qualificada evolução, nós evoluímos para constituir a condição humana, mas a escola só tem 2.500 anos. A evolução humana é muito mais ampla, é muito mais exigente para ser compreendida. Já sabemos que não há um núcleo só de evolução como queriam as teorias eurocêtricas, a partir, seja da Europa, depois da Ásia. Sabemos que há pelo menos 15 nichos arqueológicos que possibilitam reconhecer diferentes humanidades que se desenvolveram a partir da ocupação geográfico-espacial. Isso daí a gente pode encontrar em bons textos e livros.

O fato é que há duas formas de entender a educação. A educação escolar com sua história e a sua identidade, e a educação antropológica, a educação ampla, a educação humana,

o desenvolvimento da condição humana, esse ser, talvez um dos mais frágeis do mundo, que precisa dos seus pares para completar a sua gestação, e que hoje pauta-se como soberano, tristemente, em um planeta chamado Terra.

Agora, vejam, a educação envolve duas grandes definições, a educação no sentido lato, no sentido amplo, que é a produção social da vida humana, e nesse sentido, *educação* e *humanização* são sinônimos. Educar e humanizar referem-se à mesma condição, ao mesmo processo. Aprender a falar, aprender a ler, a reconhecer os sons, a reconhecer o cheiro, educar os sentidos, vincular-se a alguém, seja a mãe, seja alguém que cuide, seja família nuclear básica, sejam aprendizagens antropológicas. O ser humano vai aprendendo a sua condição.

Eu já ouvi, na minha formação histórica, definições de toda sorte sobre a natureza do ser humano. *O homem é um ser que ama*, em algumas definições; *o homem é um ser que trabalha*, na tradição marxista; e em outros autores e escolas, *o homem é um animal racional*, na perspectiva racionalista, idealista; *o homem é um ser que produz arte-fatos*, na antropologia; para o filósofo e matemático Thomas Hobbes (1588-1679), *o homem é o lobo do outro homem*, tem uma tendência má; ao contrário, para o filósofo Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), *o homem nasce bom, é uma bondade, a sociedade é que o deprava*.

Todas as definições, uma atrás da outra, são conjunturais. Mas se eu fosse reduzir a definição do ser humano à mais radical categoria, eu diria:

- O ser humano é um ser que aprende.

Aprender é a mais radical definição antropológica. O ser humano aprende a amar, como aprende a odiar. Aprende a sobreviver, como aprende a matar. Aprende a preservar, como aprende a degradar. Pode aprender a ser racional e a ser intuitivo. Aprende a ser emocional e a ser afetivo. Nada disso está pré-determinado, pronto, acabado. O ser humano é um ser de permanente aprendizagem. Eu sei que houve um reducionismo na história da pedagogia do conceito de aprendizagem, um reducionismo um tanto psicologista e depois, um tanto técnico por demais.

Mas aprendizagem, no sentido amplo da antropologia, é que cada pessoa que nasce é um pouco da história do mundo. Cada pessoa que nasce é uma nova síntese da humanidade, e é preciso, na belíssima definição de quem você menos imagina, do professor, filósofo e pedagogo Dermeval Saviani (1943):

*Educar é produzir em cada indivíduo singular, especificamente, a humanidade que foi produzida, social e coletivamente. Educar é humanizar.*

**Nós da Igreja, da educação e da escola, temos o dever de ensinar tudo a todos, pois todos são capazes de aprender todas as coisas.**

Todo mundo no sentido lato da palavra, é educador. Todo mundo que toma uma atitude transgeracional, transmite alguma coisa para as gerações que estão nascendo, integrando-se. Nesse sentido, educação em uma primeira definição, é endoculturação. Quando eu era criança, Terezinha, morava no Paraná, eu sou paranaense, do meu norte do Paraná querido. Eu comia muito abacate porque abacate era muito comum lá e o dia que a professora perguntou:

- Como se chama aquilo que tem dentro do abacate?

Eu gritei:

- É caroço!

Ela disse:

- Não, é endocarpo, Fernando.

Eu falei:

- Não, mas endocarpo não é; só se for o da senhora, mas lá no sítio é caroço!

Ela brigou comigo com muito respeito e ela disse:

- É endocarpo!

E explicou que *endo* é dentro, e *carpo* é semente, semente de dentro, ela disse. Eu fiquei meio convencido. Mas depois eu fui ler alguns tratados de antropologia na educação e vejo uma definição belíssima: “educar é endoculturar, é trazer para dentro da cultura”. A educação, no sentido lato, dura a vida inteira, não acaba nunca, é um desenvolvimento pleno ou em plenitude.

Já vimos que a escola tem certidão de nascimento, a escola nasce exatamente na experiência da democracia ateniense. Agora, o modelo de escola ateniense, Terezinha, ele também precisa hoje, à luz da ciência social, crítica, questionar por que, ao nascer como pensamento inaugural, como processo reflexivo da condição ocidental padrão, a Filosofia também tem riquezas, belezas e contradições.

Platão (428/427-348/347 a.C.), por exemplo, é o primeiro teórico da educação do Ocidente, porque Sócrates (470-399 a.C.) era mais um parenético, fazia e ensinava lições de vida. Os pré-socráticos não se preocupam com a educação, mas com a natureza, com a *physis*. Platão é o primeiro a buscar definir a condição humana. Nesse sentido, talvez, o primeiro antropólogo, o primeiro pesquisador, e Platão, Fernando Rios, define que o que explica a diversidade das pessoas é a

qualidade das suas almas, a tipologia anímica. Existe gente que tem alma intelectual predominante, esses deverão ser magistrados e juizes; existem outros que têm uma alma irascível, que é cheia de temores e afetos, metaforicamente centrada no coração (até hoje nós temos essa dependência imagética), e existem outros que têm a alma predominantemente nos membros, nas pernas, no sexo e nos pés (*geomoros*), aqueles que tem o pé no barro (*geomoro*), aquele que pisa no barro.

E Platão diz:

*A partir da qualidade das almas é que se define a diversidade da vida.*

Ele não recorre mais aos deuses, ele recorre a uma sociologia de natureza filosófica, profundamente determinista e inatista. Ou os homens se tornam reis, ou os reis se tornam filósofos. Platão abominava a democracia, Platão não era a favor da democracia, ele achava que a predominância das almas é a causalidade estrutural do mundo. Existe, até hoje, gente que continua platônica, tem gente que acha que precisamos descobrir na alma as pré-condições de desenvolvimento das pessoas. Uma ontologia pré-determinista inata, que hoje, na sua última versão, é encontrada na concepção de competência e habilidade. A gente tem que supostamente achar onde que se localizam as competências e como desenvolver as habilidades. Os gregos chamavam de

*lógoi spermatikoi*, derivada da palavra esperma, como se fosse *sementes da razão*, que já estão predispostas na alma, e o educador só tinha que trazer o que aquilo já estava pré-determinado.

Quem respondeu a essa visão platônica foi um bispo morávio, chamado Jan Amos Comenius (1592-1670), educador, cientista das pessoas e escritor, preparador da visão liberal. Fernando Rios, ele escreveu em 1629, no seu livro *Didatica Magna*, que Deus não seria injusto de dar a uns uma alma melhor que as outras, e a natureza não é ignorante, ela dá a cada um o que é necessário para sobreviver. Portanto, nós da Igreja, da educação e da escola, devemos saber que temos o dever e a arte de ensinar tudo a todos, pois todos são capazes de aprender todas as coisas, porque o saber não está na alma, está no método e na relação pedagógica com seus pares.

Eu queria tanto, Terezinha, que a Pedagogia do Brasil chegasse a Jan Amos Comenius, em 1629, e não achar que as pessoas são *a priori* determinadas ou por Deus, ou pela natureza, ou pelo sexo, ou pela etnia. A grandeza da libertação humana é que todo mundo é capaz de aprender todas as coisas, porque o saber não está na alma, no sexo, na identidade ética, na subjetividade, o saber está na relação com seus pares, no processo pedagógico, no processo institucional, educacional e escolar. Essa tese humanista

só é possível ainda ser sonhada, porque ela ainda patina na pedagogia contemporânea de que todo mundo é capaz de aprender todas as coisas. Todo mundo cita, Terezinha, quando é para ler Platão, *A República*, e manda ler o livro sétimo, dos 10 livros ou capítulos que a compõem. Eu peço para ler o livro quarto, é onde ele fala da tipologia das almas, e ele diz assim:

*Pode o pé, ser cabeça? Não. Pode o braço querer ser coração? Não.*

Ele faz uma explicação perversa, muito comum ao fascismo, de explicar a diversidade das coisas pelas funcionalidades, como se fosse isso. Platão tem uma matriz pedagógica que os gregos chamavam de *Paideia*. A *Paideia* grega tem que ser revisitada para ser contextualizada, apropriada e depois criticada, sem nenhum tipo de juízo perverso ou bobo, e compreender que era um avanço para a época, mas que hoje precisa ser revisitada.

**Os jesuítas criam no Brasil uma cultura colonial mercantilista, eurocêntrica.**

O mundo vai passar por um período difícil que é a Idade Média. A Idade Média é rica de um lado e pobre de outro. A escola na Idade Média é privilégio de classe, é da nobreza. A mesma tese platônica se reacende no teólogo e filósofo Santo Agostinho (354- 430):

- Ninguém aprende pelas palavras, ninguém aprende pelos professores, os professores ajudam, as palavras ajudam, aprende porque Deus ensina na alma.

Voltou a Platão. Santo Agostinho se sentou ao lado de Platão e batizou Platão, e fez Platão suplantar a tese de Jesus de Nazaré, porque Jesus é mais revolucionário. Jesus diz, e eu sou meio teatral, quando sobe aos céus, a leitura metafórica da ascensão:

- Ide, ensinai a todos, todos os que quiserem crer serão salvos.

“Batizem a todos em nome do Pai”, ou seja, a primeira tese de Jesus é que todos são capazes de aprender. E se até a fé é ensinada, tudo pode ser ensinado para todos, já não **prevalece o determinismo** grego: nem homem, nem mulher, nem senhor, nem escravo, crítica de gênero, crônica crítica de etnia, crítica de nação, crítica de tudo, só que não é a primeira versão do cristianismo que prevalece, é a *versão paulina*, derivada da atuação de Paulo de Tarso ou São Paulo (05-67 d.C.), seguida da versão medieval, ideológica. E seria Santo Agostinho (354-430 d.C.) quem iria fornecer a teologia e a pedagogia, novamente determinista:

- Não se aprende com os outros, aprende-se com Deus, e somente Deus escolhe quem ele quer ensinar.

O inatismo e a disposição determinista novamente se restauram.

Nós vamos ter aqui essa concepção no Brasil, no início da colonização, através dos jesuítas, da Companhia de Jesus, profundamente arraigada na teologia medieval. As escolas medievais eram escolas palatinas e episcopais, não havia escolas para todos porque não havia o pressuposto antropológico, a premissa de que todos são capazes de aprender, dado que as almas são diversas; e é isso que produz a suposta qualidade da sociedade.

Será a burguesia, classe emergente, através dos seus filósofos, que viria a quebrar o pré-determinismo das almas, apontando de que todos os homens nascem livres e iguais, seja na carta do *Manifesto aos homens bons de Virginia*, nos Estados Unidos, em 1776; seja na declaração da Revolução Francesa, seja na página memorável da *Declaração dos direitos do homem*, da Organização das Nações Unidas.

É a primeira vez que se pensa que todos são iguais. Nem os gregos tinham essa concepção. E essa ideia, queridos e queridas, de que todos os homens nascem livres e iguais, essa premissa antropológica fundamenta novamente a democracia moderna e a educação moderna. A democracia moderna tem que fazer nascer uma escola moderna, e aí, Terezinha, querida, a rainha Vitória (1837-1901) da Inglaterra, no século XIX dizia:

- Alfabetizem todo homem inglês. Não há liberdade se ele for analfabeto. O novo mundo exige que todo mundo vá para a escola para cumprir suas funções sociais.

Napoleão Bonaparte (1769-1821) determinou:

- Alfabetizem todo francês. Rasguem a Constituição se nada houver para ler, e ensine todo francês a ler, porque enquanto houver um analfabeto, as palavras de nossa Constituição, liberdade, igualdade e fraternidade são supérfluas.

A sociedade moderna exige uma escola para todos e para todas. Agora, eu poderia continuar, mas eu tenho que trazer o quadro para o nosso país. Aqui nós nascemos sobre outra marca, somos anunciados ao mundo em 1.500, o último ano do século XV, mas começamos mesmo no século XVI, 1537, 1539. Nós vamos ter aqui, em 1549, a definição do estado português de colonizar o Brasil porque antes eles não tinham nem como procurar. E trazem para fundar a cidade de Salvador, São Salvador da Bahia de Todos os Santos, três coisas: a cana, o gado e o padre.

**A primeira escola brasileira é jesuíta, magistrocêntrica, emulativa, disciplinadora, meritocrática e moralista.**

O padre jesuíta, da Companhia de Jesus, vem para Salvador para cristianizar, na expedi-

ção de Tomé de Sousa (1503-1579), um militar e político português, que foi primeiro governador-geral do Brasil, de 1549 a 1553. A cristianização do Brasil se transforma, é o recurso ideológico para a colonização e a dominação mercantilista do estado. O padre Inácio de Loyola (1491-1556), criador da Companhia de Jesus, tinha criado uma Ordem (uma congregação de padres, uma agremiação religiosa) para restaurar tudo que a modernidade estava quebrando: o papado, a igreja católica, a ideia de privilégio.

E aí, o primeiro lugar para onde os jesuítas vão: o Japão, são os mártires do Japão. Depois eles vão para Goa, na Ásia, são os mártires de Goa. O terceiro lugar é para o Brasil. E aqui no Brasil eles fazem um estigma: a produção de uma cultura colonial mercantilista e eurocêntrica. O livro que nos orienta até hoje, queridos e queridas que estão me ouvindo, chama-se *Ratio Studiorum*, de 1555. Ele foi terminado em 1599. É a matriz da educação e da cultura brasileiras.

Todos são chamados à função social, mas nem todos, dizem os jesuítas, têm as mesmas qualidades. A uns, Deus chamou para governar e a outros para obedecer. É a mesma categoria predeterminista platônica, agostiniana e agora jesuíta. Se você um dia ler o *Ratio Studiorum*, vai encontrar:

*No dia da avaliação, tirem as crianças do*



*lugar para que elas não tenham a seu favor, nem a familiaridade do espaço, só a memória e a grandeza da alma, da obediência.*

Os jesuítas achavam que o Brasil era uma nação a educar, e a primeira escola é jesuíta, magistrocêntrica, emulativa, disciplinadora, meritocrática e moralista, enquadradora, machista, voltada para os homens. E nós vamos ter essa matriz até os nossos dias, Fernando. Se você perguntar para alguém hoje o que é ser professor, é muito provável que ouça como resposta:

- É colocar ordem na sala, é organizar as crianças sentadinhas, é transmitir o conhecimento quase que revelado, e enquadrar.

Nós passamos longe dos alvos críticos da pedagogia moderna, fomos constituídos medievais, uma economia mercantilista, escravocrata, patriarcal, machista, meritocrática, seletiva. Essa é a matriz de 300 anos da sociedade brasileira. Quando houve o império (1822-1889), que nós conhecemos pouco e recentemente se falou um punhado de bobagens sobre esse período político, o império era uma ação entre amigos, que pagaria dois milhões de libras esterlinas à Inglaterra, faria um estado estendido de Portugal pelo chamado Congresso de Viena<sup>3</sup> e mantém o único

<sup>3</sup> O Congresso de Viena foi uma conferência entre embaixadores das grandes potências europeias que aconteceu na capital austríaca, entre setembro de 1814 e junho de 1815, cuja intenção era a de redesenhar o mapa político do continente europeu após a derrota da França napoleônica na primavera anterior. Este congresso pretendia também restaurar os tronos das famílias reais derrotadas pelas

estado monárquico nas Américas, único estado monárquico, não tem mais nenhum.

Você vai até nos Estados Unidos, é Casa Branca. Você vai na Argentina, empobrecida, Casa Rosada. Aqui é um palácio, tudo é palácio, até na cidade pequenininha tem o palácio municipal, que logo vira paço municipal. Tudo é rei, rei da carne, rei da linguíça, rei da bicicleta, porque a monarquia aristocrática marcou indelevelmente as artérias da nossa cultura dominadora, perversa, baseada em uma categoria, *ex privilégio*, que costumava perguntar:

- Quem você está pensando que é? Coloque-se no seu lugar.

Há tempos, um ministro disse:

- Há pouco tempo, até o filho de porteiro estava entrando na universidade tirando zero no vestibular.

Primeiro, que ele não sabe se tirou zero porque o vestibular é uma coisa no mínimo secreta, mas é o preconceito que corrói

---

tropas de Napoleão (como a restauração dos Bourbons). Além disso, foram tomadas decisões que atingiram o Brasil, como a entrega da Guiana para a França e a condenação do tráfico de pessoas escravizadas. O Congresso de Viena serviu para manter a Europa a salvo de grandes enfrentamentos até a Primeira Guerra Mundial, em 1914.

#### **FONTES**

WIKIPÉDIA / ACESSO 29.01.2023

[https://pt.wikipedia.org/wiki/Congresso\\_de\\_Viena](https://pt.wikipedia.org/wiki/Congresso_de_Viena)

TODA MATÉRIA, JULIANA BEZERRA, PROFESSORA DE HISTÓRIA.

<https://www.todamateria.com.br/congresso-de-viena/>

e destrói a aristocracia conservadora brasileira. Eles continuam a acreditar que a hegemonia no estado, na política, na universidade, nas funções liberais é privilégio de classe, não é direito, não é disposição para todos. Isso está arraigada, alimentada pelo plasma jesuíta, alimentada por 300 anos de escravização e mais 70 anos de um império escravocrata violento, contra as mulheres negras e os homens negros, contra os indígenas, dizimando-os praticamente.

**Na Primeira República (1889-1930), nossa educação sai de sacristia tridentina retardada, para ser um quartel militar positivista, perverso.**

Depois nós vamos ter a República (1889). A república, eu não quero ser irônico, Terezinha, mas se a gente perguntar ao nosso sofrido povo brasileiro o que é república, dirão no senso comum que é moradia de estudante, porque nós não chegamos a compreender, ao menos de maneira um pouco aprofundada, o conceito de república. E aí, a república entre nós é patrocinada por uma força corporativa, o exército. O exército que, na Guerra do Paraguai, entrou como bandido e saiu como herói. E o exército brasileiro enquadrou a marinha, a aeronáutica não havia. E o exército passou a ser o partido do exército, o gendarme da ordem: quando ele quer e quando não está do seu modelo, ele intervém, e ele coloca o que supostamente

mantém seus interesses.

Eu tenho estudado um pouco a posse do ministro da guerra no governo do Marechal Deodoro da Fonseca (1827-1892), Benjamin Constant (1837-1891), que é nome de rua em todo o país, é nome até de uma cidade. Ele era tenente-coronel do exército brasileiro que organizou o governo do Marechal Deodoro, um jovem oficial positivista, Terezinha, apaixonado pelo Positivismo. Ele tem uma frase curiosa:

- Separamos a igreja do estado. O imperador foi mandado embora. Faremos uma outra civilização no Brasil.

E sobre a escola, porque ele é o representante dos negócios da corporação militar e da educação, que não era ministério, era um departamento dos negócios do interior, ele diz:

- A escola não será mais um convento a fabricar súditos e fiéis. A partir da República, a escola será o quartel da pátria.

A gente sai de sacristia tridentina retardada, para ser um quartel militar positivista, perverso, de reprodução tutelada do controle social. Não é à toa que, vez por outra, isso volta. Está hoje na ordem do dia do governo Bolsonaro, essa estupidez chamada escola cívico-militar. Isso está na matriz da produ-

ção autoritária, fazer cinturões de controle sobre os meninos e meninas pobres, porque, arditosamente, não quer essa escola militar para classe média, ou média-alta. É só para os pobres na periferia da cidade, desde o começo republicano.

A escola do Getúlio Vargas, Terezinha, vai trazer a fundação do Ministério da Educação, por quê? Porque Getúlio Vargas inaugura em larga escala a urbanização e a industrialização do Brasil que vinha antes concentrada em São Paulo. O advogado, professor e jurista Francisco Campos (1891-1968), por oito anos, é o titular do primeiro ministério da educação, sucedido pelo mineiro Gustavo Capanema (1900-1985). Francisco Campos também era mineiro, de Pompéu, oriundo de uma tradição autoritária: militou no grupo integralista, fez a Constituição de 1937, a Polaca, e foi ele que deu de presente para ditadura militar, no fim da vida, a redação final do Ato Institucional número cinco (AI 05), na fatídica data de 13 de dezembro de 1968.

Francisco Campos, quando ministro da educação, disse uma lamentável frase memorável, que é uma chave para a gente entender o nosso atraso educacional, que não é um acidente, é uma política. Ele disse:

- A escola brasileira é irmã siamesa da fábrica brasileira. Teremos que ter escolas onde houver fábricas, pois a função da es-

cola é escandir os talentos necessários ao desenvolvimento industrial brasileiro.

### **A ditadura militar (1964-1985) esmagou a experiência liberal de educação brasileira**

A escola que já foi prática proselitista para os elitistas jesuítas, a escola que já foi aparelho militarizado, agora vira prestação de serviço ao capitalismo retardado, que nascia ou se estruturava nos anos 1930. Se você perguntar, Fernando, ao nosso sofrido povo brasileiro, por que o seu filho tem que estudar, ele diz:

- Para que ele tenha um empreguinho melhor que o meu. Para que ele se venda melhor no mercado de trabalho.

É a tese Getúlio-Franciscocampista de que a escola tem que preparar empregados para se venderem no mercado de trabalho. E ainda hoje, queridos e queridas que me ouvem, eu vi a declaração dos assessores dos três candidatos majoritários que estão disputando a presidência, todos eles, lugares comuns, têm aqui e ali uma diferença de qualidade, mas nenhum deles compreende a educação escolar como forma de desenvolvimento humano, como forma de desenvolvimento antropológico, como formação plena para cultura, para a civilidade, para cidadania, para humanização, para a arte. Eles veem a educação como aparelho para preparar um

ciclo de desenvolvimento, para a inserção no mercado de trabalho, em uma suposta cidadania tutelada dependente da economia.

Ou seja, a concepção Getúlio-Franciscocampista ainda prevalece nos discursos oficiais em disputa em 2022, curiosamente. A ditadura militar acrescenta uma página triste com a Lei 5692/71, do ministro-coronel da educação Jarbas Passarinho (1920-2016). Terezinha, quando ele encaminha a nefasta 5692, afirma:

- Um novo sujeito bate na porta da escola, a criança pobre. Já não continuaremos com as democracias europeias elitizadas, faremos uma escola à semelhança dos Estados Unidos da América, preparatória para o trabalho e para a civilidade social.

E, de 1971 para cá, a escola pública tem que preparar para uma assistência social compensatória e para o trabalho; e a escola privada existe para preparar, para responder aos interesses liberais e para as funções de mando das elites do nosso país. Nós vamos ter duas escolas, uma, *vestibulóide*, preparar para o vestibular, para depois ascender às vagas públicas na universidade, e a outra, de assistência social compensatória, com todo o carinho e respeito que eu tenho pela escola pública, como ela foi pensada.

Na escola pública, tem que ter merenda, tem que ter práticas dentárias, tem que ter

campanhas sanitárias. A escola pública tem tudo, menos aulas, menos professores em condições dignas de trabalho, menos condições de trabalho, porque ela virou uma prática de assistência social compensatória na periferia. Menos arte, menos ciência, menos filosofia e, até hoje, tanto a direita e quanto a esquerda malformada dizem:

- Na escola tem que ter português e matemática.

Desidratam as ciências humanas, tiram a Filosofia, tiram a Arte, tiram Educação Física porque é só aprender a falar, a ler e escrever, e aprender a fazer conta, para saber o que se vende só até sábado e quanto pagar nos carnês das perversas chamadas cidadanias de consumo, elas estão por trás desse discurso perverso.

A ditadura militar (1964-1985) esmagou a experiência liberal de educação brasileira sonhada por Anísio Teixeira (1900-1971), jurista, intelectual, educador e escritor; por Darcy Ribeiro (1922- 1997), antropólogo, historiador, sociólogo, escritor; e, por que não dizer, pelo nosso mais famoso educador e filósofo brasileiro, reconhecido mundialmente, Paulo Freire (1921-1997).

A ditadura fez uma fissura: criou uma escola para os pobres, uma escola para classe média e outra para os ricos. Nós temos hoje uma

frase que é dura:

- A educação brasileira é o maior símbolo do *apartheid* social brasileiro.

*Apartheid* aquele regime segregacionista e racista sul-africano, supostamente já superado. Escola para rico aqui é de um jeito, escola para pobre é de outro jeito, e são elas que, supostamente, se não determinam, condicionam a chamada inserção social, econômica e política. Contudo, apesar disso, algumas delas incomodam bastante alguns quadros da elite brasileira.

Nós sonhamos uma escola, Terezinha, com a recuperação do estado de direito, da Constituição de 1988. Eu, a cada dia, amo mais a Constituição. Nós temos 28 vezes a palavra educação na Constituição de 1988. O artigo 205 diz:

*A educação é direito subjetivo e social, dever do estado e da família.*

Depois, tem mais 27 vezes a palavra educação. Eu me apego nisso, a ideia da educação como direito. De todos os direitos humanos, é o mais radical e é o primeiro, o direito a estar na escola, universalizar o acesso ao conhecimento, à cidadania, à sociabilidade. Direito a aprender na escola, universalizar a aprendizagem no sentido antropológico, aprender a falar, aprender a pensar, aprender

a cantar, aprender a jogar, brincar, correr, amar, abraçar, aprender a dormir, a tomar água, a limpar a casa, arrumar seu quarto, arrumar camiseta, a educação como desenvolvimento humano, como formação humana.

Criança não é um corpo que leva um cérebro para a escola; que, quando é classe média, é para supostamente treinar a memória e para fazer prova; e quando é pobre, ensinar a manejar a *amanualidade*<sup>4</sup>, como fala o filósofo e educador Álvaro Vieira Pinto (1909-1987): *amanualidade* para os pobres voltada para o manejo de dois tornos, o torno mecânico, mexer na máquina da fábrica, e agora, o torno eletrônico, aprender a mexer em computador. Duas besteiras de natureza enquadradora das elites.

A escola democrática, a escola humanista, a escola transformadora, ela tem que nascer das cinzas da escola do passado no Brasil. Não adianta uma pessoa bem-intencionada que vai para a Coreia e quer fazer uma escola coreana entre nós; vai para a Indonésia, populistas de esquerda e de direita; vai para Cuba, a experiência de Cuba é outra, é admirável, mas é muito menor, Cuba cabe na Zona Leste de São Paulo; a Suécia cabe na Zona Leste. Nós temos 48 milhões de crianças de quatro a 17 anos na escola brasileira, oito

4. O conceito de **amanualidade** em Álvaro Vieira Pinto  
Citações no livro: *Consciência e Realidade Nacional* [volume I: *A consciência ingênua*]  
Rede Álvaro Vieira Pinto  
<https://alvarovieirapinto.org/conceitos/amanualidade/>

milhões na escola particular, 40 milhões na escola pública. A escola pública do Brasil é o maior sistema de inclusão social do mundo. A saúde é também, mas é como assistência primária. Na educação, são 40 milhões de crianças que amanhã vão levantar cedo, vão vestir em alguns lugares uma roupinha, por um tenisinho, a avó vai levar até a beira da estrada para passar um ônibus amarelinho para levar para a escola, e o dia em que a escola funciona, funciona a sociedade, por quê? Porque a função da escola é democratizar a condição humana, levar todos e todas ao acesso à cultura para que cada criança ou cada geração não precise reinventar a roda e descobrir o fogo, para que a humanidade continue a existir de maneira transgeracional.

#### **As dificuldades para implantação de uma escola pública adequada às demandas da sociedade brasileira**

De 1988 para cá, tivemos dois eixos educacionais, Terezinha. Temos que recuperar essa encruzilhada. Um primeiro, com Fernando Henrique Cardoso (1931) e os seus cardiais alinhados ao Banco Mundial, alinhados às determinações da OCDE - Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico, alinhado ao neoliberalismo, ao Consenso de Washington<sup>5</sup>, eles fazem uma reforma educa-

<sup>5</sup> O Consenso de Washington é um conjunto de medidas neoliberais, que se compõem de dez regras básicas, formuladas durante uma reunião, em novembro de 1989, por economistas de instituições financeiras situadas em Washington D.C., como o FMI, o Banco Mundial e o Departamento do Tesouro dos Estados Unidos, baseadas em um texto do economista John Williamson, do International Institute

cional necessária baseada em competências e habilidades, baseada na identidade de descritores de **competências e habilidades**, baseada em **provas** avaliativas da OCDE, do PISA<sup>6</sup>, baseada em português e matemática, e cria dispositivos artificiais de suposta modernização da escola, copiando a Espanha, os EUA e outros países.

Na Espanha de Felipe González, a social-democracia fazia também uma reforma. Na Espanha, tinha *el día de la familia en la escuela*; no Brasil, tem o Dia da Família na escola. Na Espanha, *la TV del futuro*, que era para preparar material didático; no Brasil, a TV Futura. Na Espanha, o programa universidade para todos, aqui, vira ProUni. Na Espanha, o exame nacional de *enseñanza media*, aqui vira ENADE - Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes. E o Brasil copia todos os dispositivos da reforma social-democrata sem ampliar investimento, sem ampliar determinantes de financiamento da educação, sem ter um planejamento político e filosófico de igualdade.

Fernando Henrique vetou 7% do PIB para edu-

---

for Economy. As medidas estimulavam a competição entre as taxas de câmbio, davam incentivos às exportações e previam a gestão de finanças públicas, se tornando a política oficial do Fundo Monetário Internacional em 1990. As recomendações apresentadas giraram em torno de três ideias principais: abertura econômica e comercial, aplicação da economia de mercado e controle fiscal macroeconômico.

<sup>6</sup> **PISA** é a sigla pela qual é conhecida o programa internacional de avaliação de alunos, uma rede mundial de avaliação de desempenho escolar, que teve início em 2000 e vem sendo aplicado aos países conveniados ou signatários de dois em dois anos. A sigla significa Programme for International Student Assessment - PISA). É um dos programas internacionais coordenados pela OCDE. O Brasil figura nesse ranking com índices baixos, altamente questionáveis.

cação. Podia fazer um discurso, mas não podia fazer uma reforma educacional. Competências e habilidades. Quais são os dispositivos da reforma de Fernando Henrique? A Lei de Diretrizes e Base de 1996, que já está praticamente **morta**, não tem mais função alguma, descaracterizada, porque ela é de 1996 - não tinham caído as torres gêmeas, não tinha mudado o mundo nem havia ainda o grande impacto das tecnologias - então, aquela é uma lei morta, não presta para nada. E aí, o Plano Nacional de Educação de 2001, que é o plano de avaliativismo, criou o Fundef - Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério. Sim, uma primeira iniciativa, mas insuficiente.

Com eleição de Luiz Inácio Lula da Silva (1945) nós vamos ter alguns ensaios, em 2003. Primeiro, um ministro que é uma boa pessoa, intelectual, mas não tem organicidade com educação: o economista, educador e professor Cristovam Buarque. Ele, a cada dia inventava uma coisa, falava sozinho, solo de clarinete. E tristemente é demitido. Depois, Tarso Genro, um jurista, que não tem vínculo algum com a área. Embora tenha sido um bom parlamentar.

Depois, nós vamos ter Fernando Haddad (1963), acadêmico, advogado, professor e político. Fernando Haddad tem um mérito para mim: ele constitui uma política de fortalecer os

colegiados. Fortalecer as diretrizes curriculares da educação infantil; as diretrizes curriculares do ensino fundamental; o Conselho Nacional de Educação. E o cardinalato neoliberal do Fernando Henrique perde espaço. E vem o que? Pessoas que anunciam **a educação como direito e o direito a estar na escola**. O Plano Mais Educação, liderado pela professora e pedagoga Jaqueline Moll, uma das principais referências sobre a Educação integral; o Programa Nacional de Alfabetização na Idade Certa (PNAIC); piso nacional salarial docente; nove anos da educação básica; um terço de hora atividade; diretrizes curriculares nacionais; conteúdo afro-brasileiro na história; Filosofia no ensino médio; Geografia e História no ensino médio; Educação Física na educação fundamental, educação inclusiva, respeito ao nome social, entre outros.

E aí a economista e presidenta Dilma Rousseff (1947) assina o Plano Nacional de Educação de 2014. Por último, assina 75% do Pré-Sal, 10% para a educação, por dez anos. Aí o governo é derrubado. E a primeira coisa que eles mexem? A chamada emenda da morte, macabra, do advogado, professor e escritor Michel Temer, vice de Dilma que virou presidente. Ele congela os recursos sociais, porque a classe média continua indo para a escola particular. E faz nefastamente uma reforma do ensino médio mentirosa, que confunde o protagonismo juvenil com artificialidades,

desidratando as ciências humanas e acreditando que a função da escola é preparar gente para o mercado de trabalho, através de percursos ou vazias trajetórias formativas.

**Pragas da educação: *kit gay*; ideologia de partido, escola sem partido; ideologia de gênero; *homeschooling*; escola cívico-militar.**

Nós estamos entre essas duas coordenadas. Há uma pedagogia das competências e habilidades, revitalizada, requentada com a BNCC - Base Nacional Comum Curricular e reapresentada em alguns estados como São Paulo, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, como se fosse ainda novidade, completamente já superada, porque ela é filha do Consenso de Washington. E a possibilidade do direito à educação, com dispositivos de compreender a presença da criança na escola como experiência educacional humanizadora, como acolhimento.

Educação infantil, como brincar, cuidar e conviver. E não alfabetizar precocemente na educação infantil, não tem sentido. O ensino fundamental com nove anos de exposição à cultura humana. Com ciclos de aprendizagem. E o ensino médio como coroamento da educação básica, não como trampolim para o mercado de trabalho, quando pobre, e para a universidade, quando classe média. Só que daí, queridos e queridas, nós estamos nesses dois procedimentos. E é preciso que a educação brasileira aprenda com as experiências

da educação popular, com Paulo Freire; com a educação indígena; com a educação quilombola; com a educação dos privados de liberdade; com a educação de jovens adultos e idosos; com a educação inclusiva, que é diferente de mobilidade. Mobilidade é um direito, mas educação inclusiva é outro, é muito mais. Não pode uma professora dizer:

- Eu tenho 25 alunos normais e um de inclusão.

Ele já está excluído. Eu tenho 26 alunos, não é? Não tenho 25 e um de inclusão. E tem que ser um tratamento autônomo. Então, nós estamos no limiar de uma revolução educacional, que a gente precisa fazer ainda. Esse hiato que o Brasil viveu, de 2000 e - hiato macabro - de 2016 para cá, no limite da democracia burguesa, a gente corrige uma eleição com outra eleição, com escolhas coletivas. E aí, veja, isso é direito constitucional. Agora, não acreditem nos factoides que foram colocados nesse período. Eu chamo "as pragas do Egito": *kit gay*; ideologia de partido, escola sem partido; ideologia de gênero; *homeschooling*; escola cívico-militar.

Isso tudo vai ser fagocitado por um processo social de esclarecimento e por uma democracia digna, de corte liberal para cima, que seja adequada, radicalmente antifascista. E as decisões coletivas são fundamentais para essa década, que está começando agora. Es-



sas propostas são simulacros de programas de enquadramento ideológico conservador e não haverão de ter sucesso. Serão todas enterradas, em razão da pobreza e mediocridade, conceitual e epistemológica, que encerram.

**A maior herança que um povo pode deixar para os seus filhos é uma escola digna, bem planejada.**

Nós estamos no segundo ano da terceira década do terceiro milênio. Tem muita coisa para acontecer. O filósofo Friedrich Nietzsche (1844-1900) e tem uma frase, que eu não me lembro bem a forma muito adloquial do Nietzsche:

- Quem inventou a esponja de apagar horizontes e nos deixou tão desorientados?

A esponja de apagar horizontes é o fascismo, é o privilégio, é o discurso de ódio, é a violência. E aí eu me apego em Manoel de Barros (1916-2014), o poeta pantaneiro, que diz:

*Ser professor é ser esticador de horizonte.*

É esticar os horizontes. É compreender quem é que está na escola pública brasileira hoje. Nós não temos ainda um recenseamento. Mas o PNAD, Terezinha, mostrou que 11% das crianças da escola pública têm pai ausente ou não declarado. Essa pesquisa revela novas

formações familiares com 28% das mães como chefes de família. Deveria ser seis horas de aulas, mas são quatro horas de aula e seis horas de *lan house* e televisão.

Nós temos que criar uma escola integral. Nós temos que qualificar a educação infantil, para que ela não seja colonizada pelo ensino médio e fundamental, mas que a educação infantil liberte o ensino fundamental da estrutura autoritária que ela tem, adultocêntrica, classificatória e meritocrática. E que, na educação integral, o protagonismo do professor seja capaz de pensar uma outra educação básica, compreendendo a beleza da cultura popular, da cultura afro-brasileira, da educação inclusiva, das pessoas com deficiência, dos idosos. Compor uma grande sinfonia, polifônica, na educação e na escola. Direito a estar na escola, direito a aprender na escola. A maior herança que um povo pode deixar para os seus filhos é uma escola digna, bem planejada. Gestores esclarecidos, professores motivados e paciência histórica.

O dia que uma geração somente de brasileiros e brasileiras tiver uma escola digna e boa, nós não teremos mais fascismo de qualquer natureza. Eles não conseguem nascer na luz, na beleza, na humanização. E para terminar, eu queria lembrar Paulo Freire, com quem tive a honra de conviver, de buscá-lo em São Paulo para dar aula em Campinas. Fui dois anos motorista dele. Ele dizia:

- Cesinha, nem um dia de minha vida se passou sem que alguém me acusasse de coisa que eu não disse, de coisa que eu não fiz, de coisa que eu não sou.

E aí ele deu uma estalada no dedo e na língua e disse:

- Mas nem um dia de minha vida eu deixei de responder com amorosidade, mas com argumento e com firmeza; eu respondi para que eles não tivessem, de maneira alguma, a totalidade de leitura de mundo.

Paulo Freire completava:

- Professor e profeta vêm da mesma palavra: professor.

E ele concluía a sua aula dizendo:

- Professor é maior que o profeta, porque o profeta prevê o futuro, mas o professor já o constrói, com as crianças sentadas ao seu lado ou à sua frente.

Me impressiona sobremaneira uma frase do poeta Fernando Pessoa (1888-1935):

- Os olhos são a janela da alma.

E eu tremo cada vez que eu entro na sala da graduação hoje, mas já entrei no ensino fundamental, no ensino médio. E já entrei na

educação infantil como coordenador. E o menino, suado, olha para você; e a menina olha para você, suada, com as características brasileiras e diz:

- Professor, o que é que o senhor vai dar para nós hoje? Não dá aquele de ontem não que estava chato, viu dona? Dá aquele (tema) da borboleta.

E tem gente que fala:

- Mas eu já dei a borboleta.

Professor, dá novamente, negocia com eles. Não sacrifica em nome do conteúdo a relação humana com eles. Dá a borboleta! Outro dia você continua. Por quê? Porque quando uma criança diz:

- O que é que a senhora vai dar para nós? Assim, no coloquial, ela está olhando e reconhecendo uma marcha milenar, que diz, se fosse academicamente o discurso da criança:

- O que é que você, professor e professora, em nome da humanidade, em nome da civilização, em nome dos meus pais, em nome do Estado, trouxeram para colocar no meu coração, na minha alma? Eu estou aberto para você.

Muito obrigado.

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

**"Ninguém escapa da educação".**

Beleza, César. A gente continuaria aqui te ouvindo por muito tempo mais e eu acho que expressei o pensamento, o coração de todos nós. Uma coisa muito boa que tem acontecido aqui nos nossos encontros é exatamente a gente poder pegar temas dos quais já temos algum conhecimento, mas vê-los transfigurados pela palavra, pela reflexão daquele que nos visita. Educação é algo que todos sabemos. Eu estava olhando a minha coleção dos Primeiros Passos<sup>7</sup>, e lá, o antropólogo Carlos Rodrigues Brandão (1940), no seu livro *O que é educação*<sup>8</sup>, diz:

*Ninguém escapa da educação.*

É uma afirmação do Brandão. Em qualquer lugar, em qualquer tempo, ninguém escapa da educação. Então, o saber da educação que a gente tem é um saber incorporado mesmo. Só

7 A **Coleção Primeiros Passos**, subtitulada **Uma enciclopédia crítica**, é uma célebre série de livros de caráter propedêutico, de vocabulário mais acessível e formato de bolso, lançada e editada pela Editora Brasiliense a partir do fim da década de 1970, famosa pelo padrão dos títulos (*O que é...*). Os volumes explicam conteúdos das mais variadas áreas do conhecimento e do comportamento humano, da tradução à homossexualidade, abrangendo títulos, por exemplo, da História à Linguística. Dos 312 títulos, apenas durante o ano de 1999, foram vendidos meio milhão de exemplares. O mais vendido é *O que é Ideologia*, de Marilena Chauí. O sucesso desta coleção fez com que a editora criasse outra, Tudo é História, voltada para o estudo de temas marcantes para o Brasil e para o mundo.

**WIKIPEDIA**

[https://pt.wikipedia.org/wiki/Cole%C3%A7%C3%A3o\\_Primeiros\\_Passos](https://pt.wikipedia.org/wiki/Cole%C3%A7%C3%A3o_Primeiros_Passos)

**8 O QUE É EDUCAÇÃO**

CARLOS RODRIGUES BRANDÃO

Editora Brasiliense, São Paulo, 19ª edição, 1989.

que, por ser incorporado, talvez tenha sido Platão que disse isso, ele tem aí defeitos. E aqueles que vêm nos trazer uma reflexão mais aprofundada nos ajudam a olhar de outra maneira. Tenho falado aqui sempre que a gente ganha o dia, na escola, quando o aluno vira para a gente e diz:

- Você sabe que eu não tinha pensado isso?

CÉSAR APARECIDO NUNES

É verdade.

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

**Eu faço a aula junto, na escola, na vida, nessa aprendizagem e nessa ensinagem, que é o ensino e a aprendizagem, junto com os alunos.**

E a gente fica gratificada porque o aluno começa a pensar de outro modo. A cada momento que você foi trazendo as suas considerações, cada um de nós foi pensando:

- É, não tinha pensado nisso.

Ou:

- Isso para mim tinha outro caráter.

É algo extremamente gratificante ouvir você. Eu até estava achando que você estava de-

morando a falar no Paulo Freire. E ele te chamando de Cesinha. Inveja, inveja nossa de ter tido um acompanhante tão próximo do Paulo, tão querido. E uma coisa: nós estamos aguardando aqui as considerações, as perguntas. Aqueles que quiserem fazer, abrir o microfone e falar, têm toda a disposição para isso. E nós vamos ver aqui no *chat* as perguntas que surgem.

Mas eu queria falar uma coisa desse final que você estava trazendo, César. Essa ideia do trabalho docente como uma espécie de doação. Assim, de que a gente vai para dar alguma coisa. E que o pressuposto é que eles não têm e que então a gente vai dar. Gosto muito de pensar em uma ideia de fazer a aula, ao invés de dar aula. Às vezes brinco, logo no começo das minhas aulas, com os meninos, eu dizia:

- Olha, eu vou avisar uma coisa: não vou dar aula.

E aí eles ficam assustados, a gente tem que explicar. Eu digo:

- Não vou dar, porque não se trata de uma doação, sou paga, apesar de muito mal, pelo trabalho; e porque eu não posso dizer que eu dei se eu não contei com a disposição de alguém para acolher aquilo que eu vim trazer. Eu faço a aula junto, na escola, na vida, nessa aprendizagem e nessa ensinagem, que é

o ensino e a aprendizagem, junto com os alunos. Eu acho que esse é o grande mérito mesmo de Paulo Freire, de trazer para a gente essa perspectiva do fazer junto, não de eles já saberem tudo e ser aquele movimento platônico mesmo de recordar. Mas de olhar para o mundo de uma maneira mais ampla. Eu queria que você voltasse a isso por favor, enquanto o pessoal vai colocando as suas observações.

CÉSAR APARECIDO NUNES

**Nós precisamos reeducar o educador para compreender as culturas infantis, as culturas juvenis, as culturas universitárias.**

Terezinha, eu acho que você formulou plenamente a contradição e a potencialidade. Veja, nós temos a predominância de uma concepção de aprendizagem, de relação transgeracional, adultocêntrica, na qual alguém tem uma suposta autoridade e outros têm uma suposta inferioridade. E temos também a prevalência, na escola, de uma compreensão magistrocêntrica, o professor é que domina, e os alunos não teriam qualquer disposição e nenhuma possibilidade. E que a aula seria, na feliz expressão de denúncia do Paulo Freire, uma transmissão, de cima para baixo, bancária, de dados. Produzir dados fundamentais dos quais o aluno tem que reproduzir.

Esse paradigma educacional escolar e cul-

tural político tem que ser superado em uma escola revolucionária e transformadora. Uma escola que queira novas relações humanas tem que pressupor que nós temos diferenças enquanto profissionais, enquanto pessoas, enquanto cidadãos, mas somos iguais enquanto pessoas. Então é preciso construir juntos, a partir da autoria das funções sociais. Nós precisamos reeducar o educador para compreender as culturas infantis, as culturas juvenis, as culturas universitárias. E colocar-se em uma disposição de troca simbólica. Diferente de uma imposição de cima para baixo.

Há uma compreensão educacional que favoreceu isso na França, na Inglaterra - muito frágil na Inglaterra -, na Itália, chamada Escola Nova. A Escola Nova lutou contra aquela compreensão tradicional da educação, centrada no professor, nos conteúdos rígidos e abriu-se para a participação dos alunos. E aí, entre nós, só um é prevaemente dessa compreensão, o Anísio Teixeira. A ideia de construir uma escola, um fazer juntos. O próprio Paulo Freire e Álvaro Vieira Pinto têm uma compreensão do reconhecimento da autoridade cultural, de todo ser humano, de todo grupo social.

O grupo de bairro tem autoria, o grupo familiar, o grupo comunitário. E a escola tem que ser uma instância de intercâmbio e diálogo, não só unilateral. A partir, inclusive, da especificidade dos conhecimentos viven-

ciados e aprendidos em sala de aula. A sala de aula vira um laboratório de humanização, de trocas. E a criança e o adolescente, o jovem e o adulto, eles teriam que vir e trazerem as suas coisas.

Eu me lembro, em uma experiência que marcou a minha vida, que foi com uma primeira professora, que me alfabetizou, eu queria trazer um pão para ela e os alunos meus colegas diziam que o meu pão, que era do sítio, tinha *caca*<sup>9</sup> de galinha. Eu fiquei tão nervoso com essa acusação que derrubei o pão e saí da sala. Ela me viu, e eu ia embora, porque foi uma frustração. O pão que eu trouxera para ela caiu no chão e os meninos caçoaram de mim.

Ela foi atrás de mim, Terezinha, e perguntou:

- Menino, sai de aí para a gente conversar.

Eu olhei para a mão dela, porque a minha mãe quando falava "sai de aí para a gente conversar" estava com a mão atrás, com a varinha de marmelo. E ela não estava, ela estava com a mão do lado. Ela falou:

- Como é o teu nome?

Eu falei:

---

<sup>9</sup> Expressão popular que chama os excrementos das galinhas de *caca*, denotando desprezo.

- É César.

Ela falou assim:

- Você não tem sobrenome, não?

Eu falei:

- A senhora não perguntou o sobrenome, a senhora perguntou só o nome.

Respondi bem como responde uma criança. E ela, Fernando, poderia ter me dado um pito, que era como a gente falava no Paraná. Ela disse:

- Está bom menino, então eu vou perguntar: como é o seu sobrenome?

Respondi:

- É Nunes.

Ela olhou bem para mim e argumentou:

- E como é que a tua mãe faz esse pãozinho que você queria tanto me trazer?

Estava ali uma professora que valorizava a cultura e a identidade da criança. E eu falei o que, Terezinha? Olhei bem para ela, meio desconfiado:

- Dona, quando a minha mãe vai fazer o pão,

pouquinho, ela pega a bacia pequena; quando ela vai fazer bastante, ela pega o tacho; e ela põe os ovos.

Numa fala bem como criança eu continuei a narrativa, que eu sabia:

- No meio, ela põe o fermento, põe farinha e põe os sais e o açúcar. Ela diz que é um para combater o outro, para ficar bom; e ela põe a farinha do lado e mexe com a colher de pau.

Tudo derivado dos saberes que a criança tem.

- E aí dona, ela pega e põe leite, porque tem gente que põe água, mas em casa tem muito leite, ela põe leite; e ela vai cantando música de igreja e batendo naquele pão; tem hora que ela aumenta a voz e bate mais no pão.

Já é uma criança, lendo aquela situação.

- E daí dona, ela põe tudo isso no lugar e ela vai amassando. Depois, ela faz o pãozinho. O meu pai põe no forno e fecha a tampa, para não sair o calor; porque daí, quando ele põe, ele tampa logo para não perder calor. Depois, ela tira todos eles. Ela vai espetando cada um vai falando 'esse está bom', e vai embrulhando nos paninhos dela, que ela bordou, porque ela diz que se ficar molhadinho apodrece cedo.

Quantos saberes uma criança da roça trazia para a escola da cidade!

- Aí, ela põe tudo guardadinho, para ficar seco. E um, dona, ela põe no alto, que é para esfriar, porque no alto o vento é mais forte e ele esfria bem rápido; e ela cortava cinco pedaços de pão, cinco fatias, em cinco canequinhas de café com leite e coloca as fatias do pão com manteiga e gritava 'meus filhos, venham comer o pão da mãe, que se não tiver bom eu não vou servir para ninguém'.

Eu falei assim:

- Professora, o pão da minha mãe é a coisa mais bonita que tem na minha casa, é por isso que eu tinha que trazer para a senhora.

Quando eu olhei para ela Terezinha, ela estava chorando. Ela falou assim:

- Menino, como você é inteligente.

Foi a primeira vez que me chamaram de inteligente no mundo, mas bastou uma só também. E ela disse assim:

- Se você olhar para mim do jeito que você olhou para a tua mãe, você vai aprender tudo na escola, porque aprender é só olhar com amor que a gente guarda tudo no coração e na cabeça.

Eu tive uma aula de humanização, de valorização da cultura da criança. Ela corrigiu mais tarde a minha conversa, mas ela criou laços profundos em mim. E ela falou assim:

- E cadê o pão que caiu?

- Dona, caiu no chão.

- Deixe-me ver.

Mostrei o pão e ela:

- O que não mata engorda, tem muita comida aqui.

Tirou a parte suja e me deu o *toquinho*. Eu comi. E ela falou:

- Me dá a sua mãozinha, porque agora você comeu. Saco vazio não para em pé, nós vamos voltar para a sala de aula.

Eu voltei de mãos dadas com a dona Cotinha, a minha professora, para dentro da sala. Nem Napoleão Bonaparte entrou com tanta glória em Paris depois de ter vencido a Europa duas vezes e ter feito o Arco do Triunfo. A mão da dona Cotinha era a mão da civilização, a mão da humanidade. A primeira pessoa fora da minha família que, na primeira crise que eu tive, me olhou nos olhos, valorizou a minha cultura, me ouviu e me conduziu pela mão, além de me chamar

de inteligente. Eu acho que essa função humanizadora é que a escola brasileira precisa. Reconhecer os sujeitos que nela existem. Quebrar os paradigmas autoritários que excluíram tantas vidas e crianças, que não são mais as crianças da escola.

Existia uma cartilha de alfabetização chamada *Caminho Suave*. A cartilha Caminho Suave tinha na capinha um menino de calça curta, sapato Vulcabrás; a menina de saia plissada; e a palavra “Escola”.

Como é que era ensinar o “na ne ni no nu”, a família fonética do N? A palavra era “Navio”.

*Descemos a Santos para ver o navio zarpar.*

Quem é que desce a Santos para ver o navio zarpar? A Zona Sul, a Zona Norte, sei lá. De São Paulo, não é? Zona Sul de São Paulo, não é? Então hoje, o sujeito que está na escola é a criança empobrecida, subalternizada. Nós temos que realizar um choque de amorosidade, de leitura antropológica. Para quebrar todos os elementos sociológicos e psicológicos, que fazem com que a criança não se reconheça na escola. Para colocá-la em condição de humanização. E depois, com didática criativa, colocar arte, cultura, brinquedo, filosofia, sociologia, história, geografia, física, matemática, poesia, teatro, abraço, dança, tudo o que a gente puder.

Você tem razão, nós temos que criar uma atitude política plenamente nova, que nos faculte uma nova didática e uma nova relação educacional escolar. Fagocitando as identidades da escola jesuíta, da escola positivista, da escola fascista, da escola preparatória de mão de obra para fábrica. A escola que a gente precisa é lugar de acolhimento. Eu tenho falado nas palestras: cidade que educa, escolas que acolhem, currículos que humanizam, professores que amam o que fazem e têm dignidade e respeito pela função pública que exercem. A gente precisa chegar nisso, Terezinha.

**TEREZINHA AZERÊDO RIOS**

**Saber e sabor têm a mesma origem. Um bom conhecimento é saboroso.**

É verdade, César. Minha voz está assim de taquara rachada, primeiro, por causa de uma gripe grande que está aqui comigo; e segundo, por causa do engasgo com essa narrativa tão bonita que você traz para a gente e que eu acho que aponta para a escola que a gente quer. Enquanto você ficou falando sobre o pão da sua mãe, eu fiquei pensando no pão que o filósofo e querido amigo Marcos Lorieri (1940) costuma fazer sempre e partilhar com a gente de um jeito ótimo. E ele tem partilhado pão e sabedoria, com essa ideia de formação que a gente vai buscar nele. Eu quero que ele possa nos dizer algo a respei-



to disso. Na semana passada, lembramos que **saber** e **sabor** têm a mesma origem. Um bom conhecimento é saboroso. Nós temos aqui algumas colocações. Todos chamam a atenção para a beleza do que você traz. Cilô nos chama e comunica para a gente algo que ela está fazendo.

#### CILÔ LACAVAL

Mesmo sem ter a menor ideia se haverá procura ou não, apresentarei, em 2023, o curso *Laban - Arte do Movimento no Brincar, na Arte, nas profissões e diferentes realidades*, no Instituto Sedes Sapientiae (<https://sedes.org.br/site/>). Matéria prima de toda minha vida. O que será o resultado? Só aguardando para saber.

#### TEREZINHA AZERÊDO RIOS

Quem sabe vamos lá para saber e partilhar, não é Cilô? As pessoas trazem observações. A Cilô mesmo é quem fala:

- Viva a dona Cotinha.

É isso aí. Meu professor inesquecível. Tem essa coisa tanto para o bem quanto para o mal também. Porque eu tenho um professor inesquecível, de matemática, que chegava perto de mim e dizia:

- Pode entregar a prova, você não vai conse-

guir mesmo fazer.

Meu professor inesquecível. O anti-dona Cotinha. É essa coisa ignorante do poder. Fernando traz aqui uma pergunta.

#### FERNANDO RIOS

A escola tem reproduzido a ideologia da classe dominante. Nossa classe dominante é capitalista, militarista, preconceituosa, cada vez mais. E precisamos ainda enfrentar a nefasta convivência com a internet, sem uma leitura crítica. Onde buscar os instrumentos, teoria e prática, para sensibilizar pais, mães, cuidadores, professores, políticos, governantes para essa educação verdadeira e ampla? Onde e como começar esse processo? Quem vai fazer isso?

#### CÉSAR APARECIDO NUNES

**Cresce a sensibilidade da identidade de gênero e surgem novas formações familiares, apesar da reação perversa dos circuitos conservadores religiosos, reacionários.**

Olha. Eu acho que a pergunta do Fernando é uma tese. Eu diria que a gente tem que atuar nas condições objetivas da sociedade. A escola está integrada à dinâmica da sociedade. Os poucos anos que nós tivemos na direção de uma sociedade mais democrática, nós criamos dispositivos que foram anunciados na

direção de uma transformação. Mas eles não foram ainda plenamente apropriados e implementados. E isso, Fernando, traz uma grande preocupação, em um país como o nosso, que nunca respeitou a criança. O Brasil, por sua tradição, respeitava o adulto, branco, rico, proprietário e documentado. Nós fizemos o *Estatuto da Criança e do Adolescente*<sup>10</sup>, que tem 30 anos. Mas é muito pouco perto de 500 anos da nossa história como colonizados. Nosso país também nunca respeitou a pessoa com deficiência. Chamávamos e chamamos o Antônio Francisco Lisboa de Aleijadinho. Ceguinho? O surdinho? De uma maneira pejorativa? Nós fizemos a *Lei brasileira de inclusão*<sup>11</sup>. Foi o penúltimo ato da presidenta Dilma Rousseff. Na escola, a pessoa tem que ter plena integração.

Um país que nunca respeitou o meio ambiente. O Brasil é nome de árvore. Brasil, pau-brasil. Veja o que nós temos feito pelo modelo econômico prevalecente. Rios poluídos. Eu vejo o metro quadrado mais caro do Brasil, que é do lado dos rios Pinheiros e Tietê. Ao lado do Pinheiros construíram aqueles prédios enormes. E aquele rio agonizante, com

---

10 ECA Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei 8.069/1990, de 13 de julho de 1990).  
PORTAL GELEDÉS  
[https://www.geledes.org.br/estatuto-da-crianca-e-do-adolescente-eca/?gclid=EA1aIQobChMIWj7p8e-fh\\_gIVs-BcChl8uQmMEAYAAEgKBhvD\\_BwE](https://www.geledes.org.br/estatuto-da-crianca-e-do-adolescente-eca/?gclid=EA1aIQobChMIWj7p8e-fh_gIVs-BcChl8uQmMEAYAAEgKBhvD_BwE)

11 **LEI BRASILEIRA DE INCLUSÃO DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA**  
Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015, que institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com deficiência).  
[https://www.cnmp.mp.br/portal/images/lei\\_brasileira\\_inclusao\\_pessoa\\_deficiencia.pdf](https://www.cnmp.mp.br/portal/images/lei_brasileira_inclusao_pessoa_deficiencia.pdf)

toda a tecnologia que o mundo já tem, de recuperar rios. Nós temos um defeito ambiental produzido pela educação política e econômica predatória.

Em um país que nunca respeitou o negro. Mas criamos o *Estatuto da igualdade racial*<sup>12</sup>, o conteúdo afro-brasileiro, leis de reparação, política de cota. A UNICAMP tem, na medicina, 51% dos que foram aprovados esse ano são da escola pública. Temos já 20 anos de vigência da política de cotas. Estamos longe, mas já estamos chegando a alguns lugares.

Os cursos de pedagogia precisam formar profissionais que compreendam a necessidade do surgimento de um novo sujeito histórico que está na escola pública. É preciso entender a criança diante da indústria cultural. A criança que tem amores. As novas formações familiares. É a mãe chefe de família. As famílias podem ser de dois homens, duas mulheres, um homem e uma mulher, um homem, uma mulher. Mas, o que não pode faltar é proteção às crianças, amorosidade. E o reconhecimento da dignidade de todas elas. Todos os embriões históricos que podem desencadear uma nova relação educacional escolar estão

---

## 12 ESTATUTO DA IGUALDADE RACIAL E COMBATE À INTOLERÂNCIA RELIGIOSA

O Estatuto Municipal da Igualdade Racial e Combate à Intolerância Religiosa (Projeto de Lei nº 549/13) foi aprovado por unanimidade pela Câmara Municipal de Salvador no dia 29 de maio de 2019. Lei nº 9.451/2019 institui o Estatuto da Igualdade Racial e de Combate à Intolerância Religiosa no município de Salvador, destinado a garantir à população negra a efetivação da igualdade de oportunidades, defesa dos direitos individuais, coletivos e difusos, o combate à discriminação e às demais formas de intolerância racial e religiosa.  
[https://www.cms.ba.gov.br/uploads/abc0da447d4fabecaf1b1fb75b82d3\\_1616730202.PDF](https://www.cms.ba.gov.br/uploads/abc0da447d4fabecaf1b1fb75b82d3_1616730202.PDF)

postos na sociedade. Só que nós precisamos ter tempo e paciência histórica para implementá-los.

Em um país que sempre cantou Iracema, personagem do escritor José de Alencar (1829-1877), uma aristocrata, parecia que ela respirava em Paris. E depois de Iracema, Mário Lago (1911-2002), advogado, poeta, radialista, compositor, escritor, ator, um homem que via o Brasil criticamente, é coautor com o compositor e cantor Ataulfo Alves (1909-1969) do samba Amélia, que diz:

*Amélia que era a mulher de verdade  
Às vezes passava fome ao meu lado  
e achava bonito não ter o que comer.*

Nós tomamos toda a coragem do mundo para dizer que o nome da mulher brasileira não é mais nem Amélia, nem Iracema: é Maria da Penha<sup>13</sup>. É igualdade. Não quer mais repetir que “atrás de todo homem tem uma grande mulher”. Nem atrás, nem à frente. É ao lado. Só quer igualdade, dignidade. E nós temos visto crescer a sensibilidade da identidade de gênero, das novas formações familiares, apesar da reação perversa dos circuitos conservadores religiosos, reacionários. E avança a marcha da libertação.

### **13 LEI MARIA DA PENHA**

A Lei 11.340/06, de 7 de agosto de 2006, conhecida como Lei Maria da Penha, ganhou este nome em homenagem à Maria da Penha Maia Fernandes que, por vinte anos, lutou para ver seu agressor preso dispõe sobre mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher.  
<http://www.tjmt.jus.br/INTRANET.ARO/CMS/GrupoPaginas/18/984/Lei-maria-da-penha-11340.pdf>

Então, quando eu vejo a criança, o idoso, o adolescente, o Estatuto da Juventude, o Estatuto do Meio Ambiente, o Greenpeace, as lutas pela Mata Atlântica; quando vejo a marcha das margaridas; lembro da música profética do cantor, compositor e instrumentista Alceu Valença (1946)<sup>14</sup>.

*Na bruma leve das paixões que vêm de dentro  
Tu vens chegando prá brincar no meu quintal  
No teu cavalo, peito nu, cabelo ao vento  
E o Sol quarando nossas roupas no varal  
Tu vens, tu vens  
Eu já escuto os teus sinais  
Tu vens, tu vens  
Eu já escuto os teus sinais  
A voz do anjo sussurrou no meu ouvido  
Eu não duvido, já escuto os teus sinais  
Que tu virias numa manhã de domingo  
Eu te anuncio nos sinos das catedrais*

A ocupação do Estado poderia nos fazer avançar. Mas ela não é determinante. É na sociedade civil que a revolução acontece. É passar a limpo os estigmas da relação escravocrata; os estigmas da relação machista; da relação proselitista; de uma visão religiosa estreita; para a liberdade religiosa, para o respeito a toda a dignidade de transcendência. E isso, Fernando, na sua belíssima pergunta, exige paciência. É tempo histó-

### **14 ANUNCIAÇÃO**

ALCEU VALENÇA

<https://www.letras.mus.br/alceu-valenca/44006/>

rico, é paciência histórica. E aí, quando triunfamos, cultuaremos verdadeiramente a palavrinha que o filósofo Antonio Gramsci (1891-1937) ensinou para o marxismo: “hegemonia”. Temos o dever de ser revolucionários no conteúdo e na forma. Quando a gente vencer, na sociedade, nós venceremos no Estado e venceremos, orgulhosamente, na escola. É questão de luta, de firmeza. Então, a gente pode, pela nossa necessidade de ver alguma coisa, acreditar e lutar. A gente tem uma certa ansiedade.

Eu, Fernando, fiz Filosofia (licenciatura), como a Terezinha leu aqui. Só que a ditadura militar tinha tirado filosofia do currículo. Eu tinha o diploma, mas não tinha o que fazer. Eu voltei para a faculdade e fiz História (licenciatura). E comecei a dar aula onde todo mundo começa, no Estado, substituindo gente que tirava licenças, férias etc. Comecei a dar aula na periferia. Eu sabia um pouco de História, gostava de Filosofia, mas não entendia nada de Educação, não entendia quem eram os meus alunos nem do ato pedagógico.

Porque há uma autonomia do pedagógico. E eu voltei para a faculdade e fiz Pedagogia. Só que agora, Fernando querido, eu tenho essa esquizofrenia formativa. O filósofo acha que, por enunciar alguma coisa, ela já vai acontecer, pela nossa prática idealista. O pedagogo quer ensinar e acha que já nessa geração tudo já vai se resolver. E eu fico

abraçando os meus alunos e falando:

- Vocês vão mudar o mundo!

E o historiador se senta lá no cantinho da minha aula e fala:

- Calma, César. Calma. Continue filosofando. E continue ensinando. Mas tenha calma, que a história não é assim. A história é bem diferente.

Então se eu pudesse dizer para você, eu só queria transferir um pouco da minha esquizofrenia. *Tu vens, tu vens, eu já escuto os teus sinais*. As coisas que vão libertar o Brasil já estão postas. Pode acontecer de aqui ou acolá, refluxos, retornos. Mas eles não deterão jamais a primavera, como expressa um pequeno e contundente poema, atribuído ao poeta Vladimir Maiakovski (1893-1930) e, em outras versões, a Pablo Neruda (1904-1973), quando diz:

*Os poderosos podem matar uma, duas ou três  
rosas,  
Mas jamais conseguirão deter a primavera inteira.*

#### TEREZINHA AZERÊDO RIOS

Beleza, obrigada César. O Anaximandro tem uma pergunta para você

ANAXIMANDRO ORLEANS CALLE DE PAULA

Professor César, enquanto há mais de vinte referências à palavra "Educação" na Constituição Federal, há uma, apenas uma, à palavra "Ética"... O que esse descompasso poderia explicar?

CÉSAR APARECIDO NUNES

**A palavra ética precisa de aprofundamento e adensamento semiológico histórico, para que a gente compreenda que a ética é sempre a construção de valores.**

Veja, Anaximandro, querido. Eu nunca falei com alguém chamado Anaximandro, eu estou tão emocionado, viu? Coisa boa. Eu ganhei a vida falando de Anaximandro, Anaxímenes, Parmênides. Porque eu acabei depois dando aula de Filosofia... Veja, ética é uma palavra que vai precisar, a cada tempo, de um maior esclarecimento histórico político. *Ethos* em grego, solto, tem o *ethos* pequeno e o *ethos* grande. O *ethos* pequeno, fonema pequeno, relacionava-se ao pau que segurava a casa grega. A casa grega era primitiva, ela era circular e tinha um pau no meio ao qual chamavam de *ethos*. Aí está a origem da palavra ética, estendida. Etimologicamente, ela adquiriu o sentido e significado atual. Quais são os valores que regem a vida privada? A vida privada, porque era o fundamento da casa. Então ética sempre dizia

respeito à vida particular, grupal, e não à vida coletiva.

A vida coletiva era o território da Política. Os interesses coletivos, a *politeia*. A ideia de que precisamos de ter ética na política precisa de esclarecimento. Porque etimologicamente a política deveria ser, internamente, uma própria ética coletiva, não dependente de uma outra área ou campo. As éticas que nós temos visto da modernidade para cá são éticas de classe. E algumas delas confundidas como condutas corporativas. Na maior parte das faculdades, o curso de ética é tido como um curso de conduta corporativa, centralizada na corporação.

A palavra ética precisa de aprofundamento e de adensamento semiológico histórico, para que a gente compreenda que a ética é sempre a construção de valores. Ela é muito diferente, inclusive, de moral, que foi confundida com outra coisa - *mos, mores*, em latim - que são os costumes.

Ética seria o exercício da reflexão para fundamentação do seu agir moral. Ela é a responsabilidade, considerando a marcha ocidental, do grupo, da parte, da família, e não da *pólis*. Pedir ética na política, nesse sentido que eu estou falando, é uma contradição de termos, porque a política tinha que ter mecanismos éticos. E aí, Anaximandro, eu vou apresentar uma visão minha. Eu acho

que o discurso ético na política, mesmo nessa versão um pouco mal localizada, ela não é a melhor discussão, porque, na política, a gente precisa de controle social. Não é a ética. Qualquer pessoa em condições, lamentavelmente, desarticuladas, tende a agir de maneira impulsiva, de maneira egocêntrica, de maneira supostamente desonesta. O que nós temos que ter na política é controle social, rigoroso, o tempo todo. A ideia de ética na política quase sempre pressupõe que a gente tem uma formação de valores e daí, por isso, deva ser honesto na política.

Isso me parece que gera um descompasso. Porque a política tinha que ser de tal maneira sagrada, que é o que há de mais sagrado, o bem comum, o bem coletivo, que não precisasse, digamos, da coadjuvante atitude do pensamento ético. É a política que deveria ser. E é por isso que talvez, respeitando muito a sua pergunta, a gente tenha essa pequena presença da palavra ética na Constituição. Porque a Constituição é necessariamente a gestão da política. A ética, nessa linha etimológica que eu tomei, é consideração dos valores grupais, particulares e familiares. A política não precisa de ética no sentido conservador. A política tem que ter a própria ética. A própria política tem que ser ética.

TEREZINHA AZERÊDO RIOS

"Fica abolida do dicionário a palavra ética;

daqui em diante, ela será algo no coração do homem, no miolo da política."

Sabe, César? Eu fico pensando, você trouxe essa definição breve de ética com uma reflexão, um olhar crítico sobre os valores. Nesse sentido, ela precisava estar presente em todo o contexto social, para que a gente pudesse fundamentar as nossas ações. Mas a gente tem discutido, o Anaximandro faz parte dessa discussão, que talvez a gente, seguindo no seu caminho, pudesse fazer uma paráfrase do que o poeta, jornalista e tradutor Thiago de Mello (1926-2022) faz lá no poema *Os estatutos do homem*<sup>15</sup>. Ele começa dizendo:

ARTIGO I

*Fica decretado que agora vale a verdade  
agora vale a vida,  
e de mãos dadas,  
marcharemos todos pela vida verdadeira.*

E aí quando chega a última parte d'Os Estatutos, ele diz assim:

ARTIGO FINAL

*Fica proibido o uso da palavra liberdade,  
a qual será suprimida dos dicionários  
e do pântano enganoso das bocas.  
A partir deste instante  
a liberdade será algo vivo e transparente  
como um fogo ou um rio,*

<sup>15</sup> **OSESTATUDO HOMEM**  
THIAGO DE MELLO

Revista: Comunicação & Educação, São Paulo, (19): 103 a 106, set./dez. 2000.

*e a sua morada será sempre  
o coração do homem.*

E aí eu acho que a gente pode parafrasear o Thiago dizendo

- Fica abolida do dicionário a palavra ética;  
daqui em diante, ela será algo no coração do homem,  
no miolo da política.  
E aí efetivamente a gente pode ter essa vida verdadeira.

**CÉSAR APARECIDO NUNES**

Como você é maravilhosa, Terezinha. Por isso que eu te amo, viu? Maravilha.

**TEREZINHA AZERÊDO RIOS**

Obrigada, César. Eu quero ouvir o Marcos, dos pães e da Filosofia.

**MARCOS LORIERI**

É um prazer ouvir o professor César. Eu o conheço de longa data, mas nunca eu o tinha ouvido. Ele foi orientador de doutorado, se eu não me engano, do Sílvio Wonsovicz.

**CÉSAR APARECIDO NUNES**

Sim.

**MARCOS LORIERI**

Lá de Santa Catarina, que trabalha com Filosofia para crianças.

**CÉSAR APARECIDO NUNES**

Sim.

**MARCOS LORIERI**

**“Professor é aquele que sabe algumas coisas e não sabe muitas coisas.”**

Enquanto você estava falando, eu me lembrei de uma conversa que tive com uma menina de terceiro ano, do antigo primário, em uma atividade de Filosofia para crianças. Estávamos em um diálogo com as crianças: a professora, eu e elas. Essa menina disse assim:

- Eu gosto de vir na escola porque aqui os professores sabem tudo.

Eu lhe disse:

- Eu sou professor, você acha que eu sei tudo?

- Claro, você é professor, você tem que saber tudo.

E eu:

- Então me fale o seu sobrenome.

Lembrei do sobrenome, por causa da história que você contou.

Ela falou:

- Uai, ué, você não sabe?

- Não. E me diga onde você mora.

Ela respondeu:

- Na minha casa.

- Isso aí eu sabia, mas qual é a rua?

- Você também não sabe isso?

- Não.

Ela disse o nome da rua e eu perguntei:

- Qual o nome da sua mãe?

Meio ressabiada e meio em dúvida, ela falou:

- Acho que você não sabe nem o nome do meu pai, não é?

- Não, não sei.

E ela:

- Nossa, quanto coisa que você não sabe. Então você não pode ser professor, você não sabe nada.

Eu disse para ela:

- Pois é, professor é aquele que sabe algumas coisas e não sabe muitas outras coisas.

- Então eu não preciso de escola!

Eu argumentei:

- Mas há coisas que os professores sabem que, na escola eles podem ensinar para quem não sabe. E vocês podem ensinar para a gente coisas que nós professores não sabemos. Há muitas coisas que vocês sabem que a gente não sabe.

Ela refletiu assim:

- Olha, é uma boa ideia.

Eu acho que essa mudança é que precisa ocorrer.

Mas César, você falou da sua dona Cotinha. Eu tive a minha professora Cotinha, era dona Sílvia, no quarto ano do primário, 1949. Eu estou com quase 82 anos. Ela foi até minha madrinha de casamento. Era impressionante a amorosidade dessa mulher e, ao mesmo tempo, a seriedade com a qual ela tratava o traba-



lho da escola. E aqueles que tinham mais dificuldade, ou quando ela queria fazer alguma atividade extra com os alunos, ela nos convidava para irmos a um hotel, onde ela morava. Ela era viúva, não tinha filhos e resolveu morar em um hotel, na cidade de Varginha, no sul de Minas. O hotel tinha um pequeno salão de festas, que ela reservava para essa atividade. Eu adorava ir lá porque, na atividade, ela colocava para cada um de nós um guaranazinho que era fabricado na cidade.

#### CÉSAR APARECIDO NUNES

Que bonito.

#### MARCOS LORIERI

E colocava umas bolachinhas. E ali a gente fazia as atividades, ensaiava peças de teatro, e outras atividades. Eu fiquei muito marcado por essas atividades, não pelos conteúdos, mas pelo jeito, o jeito humano de trabalhar com a gente. Você me fez relembrar isso.

#### CÉSAR APARECIDO NUNES

Que maravilha, Marcos. Que maravilha.

#### MARCOS LORIERI

Ela não vive mais, mas ela vive em todos os seus ex-alunos. E você falou de ética na po-

lítica. A Terezinha me conhece bem, a gente deu aulas juntos. Foi um privilégio que eu tive. Por vários anos a gente repartia aulas no mestrado e doutorado na UNINOVE. Algo de que eu nunca me esqueço diz respeito a um gesto de delicadeza do Fernando. Houve a banca de defesa de mestrado de uma orientanda que era a primeira orientanda da Terezinha. Fernando chega lá de surpresa e traz um buquê de flores para a Terezinha, porque era a primeira defesa de mestrado dela. A partir daí eu fiquei fã do Fernando também. Até hoje eu o admiro muito. São gestos assim, humanos e necessários.

Mas quando se fala de ética na política, eu fiquei pensando: no discurso de ontem do Bolsonaro<sup>16</sup>, no Sete de Setembro, ele defendeu uma série de princípios e condenou outros. E aquele conjunto de ideias que ele apresentou como diretrizes de comportamento, inclusive olhando para a esposa dele, e ela fazendo um gesto de apoio. Há poucos dias, ela declarou que era importante expulsar do Palácio do Planalto os demônios que lá habitaram e continuam rondando por lá. Quais são os demônios? São os princípios éticos que orientavam determinados governantes. O Bolsonaro tem princípios éticos. Ele tem regulações morais, nem que seja só no discurso. Mas ele prega isso, ele defende isso. A ética está lá nessa política. Mas é uma política com uma ética

<sup>16</sup> Refere-se ao então Presidente da República Jair Bolsonaro (2018-2022) conhecido pela sua conduta agressiva, pelo negacionismo, pela adoção de práticas irracionistas e pela defesa de posturas autoritárias e demagógicas.

que não é aquela que a gente quer.

Eu acho que é importante a gente levar esse tema para os alunos, principalmente do ensino médio, e discutir bastante isso. Qual ética? Quais princípios? Quais reguladores das ações morais? Que comportamentos a gente deveria ter?

**CÉSAR APARECIDO NUNES**

Perfeito, Marcos. Maravilha.

**MARCOS LORIERI**

Não sei se você concorda com isso.

**CÉSAR APARECIDO NUNES**

Eu concordo sim, acho que você e a Terezinha completaram a minha resposta ao Anaximandro. Muito obrigado.

**TEREZINHA AZERÊDO RIOS**

Sabem, na verdade, se a gente qualifica a ética como essa reflexão, ela quase que tem a pretensão de ser permanente e universal, de alguma forma. E o que varia enormemente são essas morais mesmo. Essas prescrições de que Marcos falava. Não há nenhuma sociedade, nem nenhum indivíduo sem moral. Eu tenho fundamentos para o meu comportamento, sejam lá quais eles forem. É minha mãe que disse,

eu aprendi assim etc. etc. Mas eu tenho uma referência. E essa é a referência que Bolsonaro nos traz. Agora é preciso pensar qual é o fundamento disso. Nesse sentido é que eu acho que os princípios são éticos. Porque são fundamentos que não são elementos que estão só no princípio. Eu brinco dizendo:

- Tem gente que leva em conta as coisas no princípio e segue adiante sem princípio.

Acho fundamental nós pensarmos isso. E aí, nesse sentido é que eu acho que a educação vai buscar essa ética que, tomara, não precise ser pronunciada, quando ela já estiver no coração da escola, das pessoas, do mundo.

**CÉSAR APARECIDO NUNES**

Maravilha, Terezinha.

**TEREZINHA AZERÊDO RIOS**

O nosso tempo vai se esgotando. Eu vou voltar a você para fechar a sua fala. Mas eu quero, antes de mais nada, agradecer essa presença luminosa sua aqui. E agradecer a presença de todas essas pessoas que vieram caminhando conosco. Em outubro, nós retornaremos às atividades. No dia 13 de outubro, com Tatiana Roque e, provavelmente, no 27, com Sônia Guajajara. Mas por enquanto, quase que a gente já deixa uma fechadinha dourada, como a gente fala, com essa chave bonita que

você nos trouxe. Tomara que a conversa possa seguir adiante. Tomara que haja frutos, sementes, dessas sementes que a gente está lançando aqui. Obrigada demais, vamos com você, César.

**CÉSAR APARECIDO NUNES**

Eu agradeço muito, Terezinha. Nós sempre convivemos, em diversos eventos. E o seu convite foi para mim uma distinção. E conhecer todo mundo aqui, estar com o Marcos, estar com o Fernando. Eu queria mandar um abraço para a Suzana, Alcione, para outros tantos professores e professoras que me acompanharam aqui. Parabenizar a Sabrina e o Sesc. É tão bonito e tão grande, a gente passar duas horas pensando sobre a condição humana. Eu acredito que saímos daqui reanimados, com o coração cheio de energia. Acho que as lutas, elas permanecem, porque o cantor e compositor Raul Seixas<sup>17</sup> dizia:

*Tente  
E não diga que a vitória está perdida  
Se é de batalhas que se vive a vida  
Tente outra vez*

Então nós estamos juntos, parabéns ao Sesc, parabéns Terezinha e Fernando. Abraço a todos pela honra de estar com vocês. Quando

---

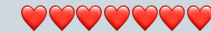
17 TENTE OUTRA VEZ  
RAUL SEIXAS  
<https://www.cifraclub.com.br/raul-seixas/tente-outra-vez/letra/>

quiserem, é só me chamar que eu virei com muito prazer. Até a próxima.

**ANAXIMANDRO ORLEANS CALLE DE PAULA**

Linda aula! Obrigado!

**HELENICE DE BARROS**



Nossa que aula maravilhosa! Gratidão por compartilhar conosco tanta sabedoria, tanto conhecimento!

**CILÔ LACAVA**

VIVA A D. COTINHA!

**VALCIONE ALVES DA CUNHA SOUZA**

Parabéns, Professor CÉSAR!

**MARIA JULIA MARTINS**

Grande professor César!

**HELENICE DE BARROS**

Parabéns, professor César! Parabéns, professora Terezinha!

**CILÔ LACAVA**

Agradecendo conhecer o professor César Apa-

recido Nunes, Terezinha. Muito obrigada.

**SUZANA MONTAURIOL**

Fé na Vida! Fé no homem! Fé no que virá!  
Gonzaguinha.

Deixo um abraço para todos e todas! Tenho  
que sair agora! Meu querido Professor César... Super, hiper, mega, gratidão!!! Foi Maravilhosa essa Palestra!

**MARIA JOSE MARQUES**

Todos/as luminosos/as!!! Que coisa boa... saímos com muita energia! Beijos no coração e gratidão.

**SABRINA DA PAIXÃO BRÉSIO**

Parabéns. Obrigada, gente. Professor César. Andrea Nogueira, que é a nossa gerente do Centro de Pesquisa e Formação, acompanhou um pouco a palestra. Não pôde acompanhar tudo e pediu também para eu estender os agradecimentos. Disse que a palestra foi muito bela, pelo menos a parte que ela acompanhou. Vou dizer que o restante também. Depois ela vai conseguir acompanhar. Ela agradece também a sua presença, César. Vou estender esse agradecimento a todos e todas que seguiram com a gente, como a Terezinha disse.

Acompanhem a programação do Centro de Pes-

quisa e Formação. A programação de outubro estará disponível no nosso site já na última semana de setembro. Então com as duas mesas confirmadas, da Tatiana Roque e Sônia Guajajara, elas estarão disponíveis para inscrição, para a gente poder se reencontrar aqui em outubro. Em breve, esses textos também estarão disponíveis para todos e todas e para que eles circulem como o conhecimento deve circular publicamente. Então eu agradeço, desejo uma ótima semana, um ótimo final de semana a todos. Espero nos vermos em breve em outras oportunidades. Até logo, gente.

**TEREZINHA AZERÊDO RIOS**

Até mais, obrigada, grande abraço para todos.

**CÉSAR APARECIDO NUNES**

Abraço a todos.

**TEREZINHA AZERÊDO RIOS**

Obrigada.

## REFERÊNCIAS

- BAIA HORTA, José Silvério. O hino, o sermão e a ordem do dia. Campinas: Autores Associados, 2012
- FRANCA, Leonel. O método pedagógico dos jesuítas: Ratio Studiorum Societas Jesu. São Paulo: Melhoramentos, 1973.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.
- NUNES Cesar. Da educação que ama ao amor que educa. São Paulo: Ciranda Cultural, 2022.
- PINTO, Álvaro Vieira. Ciência e existência. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969
- RIBEIRO, Maria Luisa. História da educação brasileira. São Paulo: Cortez Editora, 1988.
- SAVIANI, Dermeval. Educar é humanizar - da especificidade do indivíduo à generalidade do coletivo. Campinas: Autores Associados, 1986.